

Caderno de Resumos

III Encontro Brasileiro de Imaginário e Ecolinguística



Eraldo Medeiros Costa Neto
Organizador

05 e 06 de setembro de 2017

Campus da Universidade Estadual de Feira de Santana

Feira de Santana – Bahia – Brasil

III Encontro Brasileiro de Imaginário e Ecolinguística



Eraldo Medeiros Costa Neto
Organizador

05 e 06 de setembro de 2017

Campus da Universidade Estadual de Feira de Santana

Feira de Santana – Bahia – Brasil

Copyright © 2017 Todos os direitos autorais desse trabalho são de propriedade dos autores. Qualquer parte dessa publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte. Todos os textos, embora tenham sido arbitrados por uma Comissão Científica composta por pesquisadores renomados do Brasil, são de inteira responsabilidade dos autores.

III Encontro Brasileiro de Imaginário e Ecolinguística

Equipe Organizadora

Dra. Suani de Almeida Vasconcelos (UEFS) – Coordenadora
 Dra. Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto (UFG– NELIM)
 Dr. Eraldo Medeiros Costa Neto (UEFS)
 Me. Gemicrê do Nascimento Silva (UEFS)
 Dr. Hildo Honorio do Couto (UnB – NELIM)
 Dra. Silvana Silva de Farias Araujo (UEFS)
 Me. Sylvania Capua Carvalho (UEFS)

Comissão Científica

Prof. Dr. Eraldo Medeiros Costa Neto (UEFS)
 Prof. Dr. Gilberto Paulino Araújo (UFT)
 Prof. Dr. Hildo Honório do Couto (UnB – NELIM)
 Prof. Me. Gemicrê do Nascimento Silva (UEFS)
 Profa. Dra. Alana de Oliveira Freitas El Fahl (UEFS)
 Profa. Dra. Elza Kioko N.N. do Couto (UFG – NELIM)
 Profa. Dra. Norma Lúcia F. de Almeida (UEFS)
 Profa. Dra. Silvana Silva de Farias Araújo (UEFS)
 Profa. Dra. Suani de A. Vasconcelos (UEFS)
 Profa. Dra. Zenaide de O. Novais Carneiro (UEFS)
 Profa. Me. Sylvania Cápua Carvalho (UEFS)

Monitores

Anderson Brito Maia	Áquila Sampaio Costa	Cristiana Lima
Deyse Oliveira Gomes	Ewerton de Oliveira Santos	Vieira
Juliana dos Santos Mendes	Pinheiro	Maurício de Oliveira Santos
Pablo Diego Dias de Souza		Raíne Simões Macedo
Rayane cerqueira de Oliveira		Tâmara Andreucci Dias de Oliveira
Tatiele Bastos dos Santos		Thyale Coelho de Oliveira

Ficha Catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carteadó – UEFS

E47c

Encontro Brasileiro de Imaginário e Ecolinguística - EBIME (3.: 2017 : Feira de Santana, Bahia)

Caderno de resumos [do] III Encontro Brasileiro de Imaginário e Ecolinguística – EBIME : 05 e 06 de setembro de 2017, Campus da Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia, Brasil / Eraldo Medeiros Costa Neto, organizador. -- Feira de Santana : Universidade Estadual de Feira de Santana, 2017.

71 p.

ISSN: 2447-5289

1. Ecolinguística. 2. Linguística. 3. Imaginário. I. Universidade Estadual de Feira de Santana. II. Costa Neto, Eraldo Medeiros, org. III. Título.

CDU: 801

III Encontro Brasileiro de Imaginário e Ecolinguística

Apresentação

O Encontro Brasileiro de Imaginário e Ecolinguística é resultado da confluência de duas áreas de pesquisa, no campo do Imaginário e no campo da Ecolinguística, buscando demonstrar que o Imaginário pode e deve ser incluído em um dos ecossistemas da Ecolinguística, ou seja, o ecossistema mental da língua. As questões do Imaginário perpassam pelo domínio social e também pelo domínio natural, ao passo que a Ecolinguística fornece os fundamentos, a base natural para a existência de ambos.

O estudo do Imaginário tem como esteira teórica as obras de Gilbert Durand, que considera a imaginação como faculdade do homem e ou do grupo social que interage com a cultura, por meio de operações que atualizam formas figurativas, abstratas, ficcionais ou suprassensíveis. Durand entende que o imaginário é o modo como o indivíduo realiza essas operações. Já o campo da Ecolinguística, inaugurada por Einar Haugen na década de 1970, afirma a necessidade do estudo da língua em sua interatividade com o meio ambiente, estratificando o meio ambiente da língua em três: mental, social e natural. Assim, a Ecolinguística serve de ponte entre o campo imagético humano e a dinâmica da língua (linguagem) nas suas várias nuances e possibilidades materializadoras.

As duas edições anteriores do Encontro Brasileiro de Imaginário e Ecolinguística ocorreram, respectivamente, na Universidade Federal de Goiás (2013) e na Universidade Estadual de Goiás (UEG), *Campus* Formosa (2015), apoiadas pelo Núcleo de Estudos de Ecolinguística e Imaginário (NELIM/CNPq). Esta terceira edição traz para o Nordeste, em especial para um *Campus* do interior do Estado da Bahia, as discussões recentes que englobam a antropologia do imaginário e a ecolinguística, promovendo o aprofundamento e a difusão das confluências teóricas nos estudos que envolvem a Linguagem, contribuindo assim para ampliação desta temática nos cursos de graduação e pós-graduação em Letras e áreas afins.

O III EBIME ocorre no período de 5 a 6 de setembro do corrente ano, no *Campus* da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), promovido pelo Departamento de Letras e Artes. Considerando que a Ecolinguística comemora dez anos de atuação em território brasileiro, com a publicação do primeiro livro, *ECOLINGUÍSTICA: ESTUDO DAS RELAÇÕES ENTRE LÍNGUA E MEIO AMBIENTE* (Brasília: Thesaurus, 2007),

atualmente já existem onze livros publicados, inúmeras dissertações de mestrado e teses de doutorado, bem como a disciplina vem sendo ofertada em diversas universidades.

Deste modo, o III Encontro Brasileiro de Imaginário e Ecolinguística vem difundir e consolidar as contribuições teóricas e práticas da Ecolinguística não apenas no campo dos estudos e pesquisas acadêmicos, mas também na área de sua aplicabilidade de ensino e aprendizagem de Língua.

Programação III EBIME

**Local: Prédio da Pós-Graduação em Educação, Letras e Artes
Módulo II da UEFS**

Dia 05 de setembro

Hora	Atividades	Local
08:00 – 09:00	Credenciamento	Hall do Prédio
09:10 – 10:50	Sessão de Abertura Homenagem à Profa. Dra. Elza do Couto (UFG) Palestra de abertura Dra. Lorena Araújo de Oliveira Borges (UnB) As deusas que nos habitam: a integração dos arquétipos femininos à luz do feminismo e da ecologia profunda	Sala de defesas
10:50 – 11:00	Coffee Break	Hall do Prédio
11:00 – 12:00	Conferência Magistral Prof. Hildo Honório do Couto (UnB) A metodologia na Linguística Ecolinguística	Sala de defesas
12:00 – 14:00	Almoço	
14:00 – 16:00	Sessão Comunicação I – Imaginário e Literatura Coordenação: Suani de Almeida Vasconcelos (UEFS) e Gilberto Paulino de Araújo (UFT) Geovanna Mota de Souza Santo et al. - O imaginário no conto da Igreja do Diabo e sua intertextualidade Odara Perazzo Rodrigues - O imaginário do exílio: representação do sujeito diaspórico em <i>How the Garcia girls lost their accents</i> , de Julia Alvarez Samuel de Sousa Silva - O entrelaçamento entre o erótico e o demoníaco: a constituição da imagem mulher/bruxa no imaginário	Sala de defesas

	<p>medieval em “o espelho das almas simples”</p> <p>Carla Ribeiro Cerqueira et al. - A representação do feminino na música e na poesia: um olhar sobre Chico Buarque, Robysson e Ana Luisa Amaral</p> <p>Lara de Oliveira Novaes et al. - Epitáfios: expressão do imaginário florestano na literatura fúnebre</p> <p>Sheila Cardoso dos Santos; Tanaytana Jesus da Silva - Representação do imaginário no conto “O Espelho”, de Machado de Assis</p> <p>Valmira Silva Almeida; Andréa Silva Santos - Literatura e música: um diálogo entre o poema “O Sentimento de um Ocidental”, o conto “Civilização” e a música “Pacato Cidadão”</p> <p>Jaciene de Andrade Santos - A Bíblia segundo Karel Čapek: Imaginário e intertexto</p>	
14:00 – 15:00	<p>Sessão Comunicação II – Imaginário, Língua e Psicanálise Coordenação: Elza Kioko N. N. do Couto (UFG)</p> <p>Pablo Diego Dias de Souza; Andréa Silva Santos - A negação no discurso literário de empoderamento feminino em <i>Rainha Vashti</i>, de Myriam Fraga</p> <p>Elza Kioko et al. - O controle moral na saga Star Wars: diálogos entre Michel Foucault e Gilbert Durand</p> <p>Lutiana Casaroli; Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto - Imagem da mídia: tessitura entre o imaginário e <i>ethos</i> discurso</p> <p>Maurício de Oliveira Santos; Suani de Almeida Vasconcelos - A representação da corporalidade masculina do personagem Super Man na perspectiva do <i>ethos</i> discursivo nas HQs da Liga da Justiça</p>	Sala 16B
15:00 – 17:30	<p>Sessão Comunicação III – Ecolinguística e o campo discursivo Coordenação: Silvânia Capua (UEFS)</p> <p>Luciano Santos da Silva - A construção do imaginário como resultado da fé no filme “O Pagador de Promessas”</p> <p>Anderson Nowogrodzki da Silva - A necessidade de intersecção entre os movimentos sociais: uma relação entre Ecolinguística e Sociologia</p> <p>Vera Lúcia Santos Alves; Moab Duarte Acioli - Ecolinguística como representação discursiva decolonial no material escolar da educação Pankararu</p> <p>Jorge Alves Santana - Princípios ecocríticos e dispositivos rizomáticos de subjetivação no conto Buriti, de Guimarães Rosa</p> <p>Michelly Jacinto Lima Luiz - A não aceitação da diversidade religiosa no filme O Pagador de Promessas</p>	Laboratório de Pesquisas em Linguagem (LAPEL)

	<p>Linaldo Souza da Silva; Felipe Martins O. Santana - O imaginário na contemporaneidade</p> <p>Flávia Silva de Almeida et al. - Análise de discurso de uma cena da telenovela adolescente <i>Malhação</i>, das rede Globo</p> <p>Áquila Thalita S. Costa; Victória Letícia de O. P. Lima - O sentido do discurso materno frente ao nascimento de bebês com microcefalia no Hospital Inácia Pinto dos Santos – Feira de Santana/BA</p>	
16:00 – 16:15	Coffee Break	Hall do Prédio
16:15 – 18:00	<p>Sessão Comunicação IV– Imaginário e Literatura Coordenação: Eraldo Medeiros Costa Neto (UEFS)</p> <p>Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz – <i>Terras do Sem Fim</i>, de Jorge Amado: o sonho da terra prometida na região sul baiana</p> <p>Humberto Luiz Lima de Oliveira - Balzac e a questão da identidade em um tempo em que “l’homme armé de la pensée a remplacé le banneret bardé de fer”</p> <p>Fernanda de Oliveira Conceição; Andréa Silva Santos - Sem fé, nem lei, nem rei: <i>Ubirajara</i> e a metaficção historiográfica</p> <p>Aline Santos Silva - O imaginário da violência em Conceição Evaristo: uma <i>escrivência</i> para além da ficção</p> <p>Roselei Camargo da Silva; Rosimeri Paulino L. de Araújo - Práticas de escrita na perspectiva do <i>Tao da Linguagem</i>: o uso do gênero <i>encarte</i> na construção de redações escolares</p> <p>Luciana A. dos Santos; Gemicrê da Silva Nascimento - Self, um imaginário transcendendo experiências humanas na evolução da linguagem visual</p>	Sala 16B

Dia 06 de setembro

Hora	Atividades	Local
08:30 – 09:30	Conferência I Prof. Dra. Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto (UFG)	Sala de defesas
09:40 – 10:30	Coffee Break / Lançamento de livros	2º andar
10:40 – 12:00	Conferência II Dra. Zilda Dourado Pinheiro (UEG-Quirinópolis, GO) O retorno do mito das amazonas nos anos de 2015 a 2017	Sala de defesas
12:00 – 14:00	Almoço	

14:00 – 17:30	<p>Sessão Comunicação V – Imaginário e Literatura Coordenação: Lorena Araújo de Oliveira Borges (UnB) e Elza Kioko do Couto (UFG)</p> <p>Pablo Diego Dias de Souza; Andréa Silva Santos - A ressignificação arquetípica da morte e sua polissemia na obra teatral de Ariano Suassuna</p> <p>Andréa Silva Santos - Corpo-Mulher, Corpo-Linguagem: a escrita da intimidade em “Ars Poética”, de Myriam Fraga</p> <p>Andréa Santos Costa A. Pedrosa; Rosana Patrício - Representações da homossexualidade presente em “O Cortiço” Aluísio Azevedo</p> <p>Júlia Barreto Lula - O cabelo afro e suas representações nas letras de músicas populares brasileiras</p> <p>Andréa Santos Costa A. Pedrosa; Andréa Silva Santos - Reflexões sobre a submissão feminina em <i>Clara dos Anjos</i>, de Lima Barreto</p> <p>Lajla Katherine Rocha Simião - O uso de preposições em redações de vestibulares sob a perspectiva holística da ecolinguística</p> <p>Roberta Rocha Ribeiro et al. - Interfaces entre Ecolinguística e Letramentos: as contribuições do ecossistema da língua nas vivências dos letramentos como práticas sociais no âmbito da Licenciatura em Educação do Campo da UFT/<i>Campus Arraias</i></p> <p>Mônica da Costa Cintra - As representações do individual e do coletivo na obra <i>Ensaio sobre a cegueira</i> (1995) de José Saramago</p>	Sala 16B
14:00 – 17:30	<p>Sessão Comunicação VI – Língua, Sociedade e Meio Ambiente Coordenação: Zilda Dourado Pinheiro (UEG)</p> <p>Darto Vicente da Silva; Gilberto Paulino de Araújo - <i>Saber cuidar</i> (ética do humano, compaixão pela terra): apontamentos sobre <i>ética e moral</i> numa perspectiva ecolinguística</p> <p>Tâmara Andreucci Dias de Oliveira et al. - O discurso do agressor de mulheres em Feira de Santana: uma análise sob a perspectiva de Michel Foucault</p> <p>Cláudia Borges de Lima Araújo - Representações do corpo feminino na revista Boa Forma: um estudo do discurso na perspectiva da ADE</p> <p>Genis Frederico Schmaltz Neto - O meio ambiente espiritual: um possível novo lugar para a louca da casa</p> <p>Paulo Ferreira da Silva - A humanização como processo de educação</p> <p>João Nunes Avelar Filho - A dança da curreleira como manifestação linguístico-cultural regional: uma visão ecossistêmica</p> <p>Consuelo Penelu Bitencourt - O gênero discursivo artigo de opinião em diálogo com o meio ambiente: Uma proposta de sequência didática</p>	Sala de defesas

16:00 – 16:15	Coffee Break	Hall do Prédio
14:00 – 17:30	<p>Sessão Comunicação VII – Imaginário, Patrimônio e Bioculturalidade Coordenação: Gemicrê da Silva Nascimento (UEFS) e Eraldo Medeiros Costa Neto (UEFS)</p> <p>Ronny Costa Pereira - Conscientização Patrimonial: pinturas rupestres como representação do imaginário pré-colonial</p> <p>Natália de Paula Reis - A metáfora e o processo de nomeação de plantas medicinais: uma abordagem ecolinguística</p> <p>Johnadson de Jesus Vitoria - Educação patrimonial: as pinturas rupestres nas aulas de História</p> <p>Marcos Vinicius R. Correia; Gemicrê da S. Nascimento - Produção de sentido e imaginário no estudo da arte rupestre baiana</p> <p>Iago Alves Almeida - O Imaginário na construção de ideia de números</p> <p>Valéria Batista Vilasboas; Ricardo Tupiniquim Ramos – Toponímia de acidentes geográficos do Alto Sertão da Bahia</p> <p>Heloanny de Freitas Brandão - Um olhar ecolinguístico para o mundo virtual: comunhão e descomunhão nas redes sociais</p> <p>Cleber César da Silva; Kênia Mara de Freitas Siqueira - Vem para rua que os peixes sumiram: o papel da imagem da desconstrução simbólica da Vila Corumbá</p>	<p>Laboratório de Pesquisas em Linguagem (LAPEL)</p>
17:30 – 18:00	Sessão de Encerramento	Sala de defesas

A METODOLOGIA NA LINGUÍSTICA ECOSISTÊMICA

Hildo Honório do Couto
Universidade de Brasília

Yo soy yo y mi circunstancia.
Ortega y Gasset.

1 Introdução

A questão da metodologia é uma das mais espinhosas para qualquer modelo teórico. A despeito, existem duas posições extremas. De um lado temos aqueles que a menosprezam, caso de Chomsky. Em seu livro *Managua lectures*, ele disse que não tinha metodologia. De outro lado, temos aqueles que dedicam quase dois terços de seus ensaios falando de metodologia, como às vezes se via nos trabalhos de psicologia behaviorista. Há também abordagens teóricas que mesclam teoria com questões metodológicas. É o que fazem o materialismo dialético e o materialismo histórico, ligados ao movimento marxista. Eles não distinguem teoria de metodologia, o que parece fazer um certo sentido. Essa postura é a que mais se aproxima da visão ecolinguística subjacente a este ensaio.

No caso de abordagens novas em qualquer área do saber, sobretudo nas ciências humanas, uma das primeiras perguntas que se ouve é sobre que metodologia elas adotam. Com a ecolinguística não poderia ser diferente, embora os primeiros estudiosos não tenham se dedicado ao assunto, pois sua tarefa mais urgente era mostrar que ela existia e tinha direito a um lugar ao sol. Como veremos, a variante brasileira da ecolinguística chamada linguística ecossistêmica tem levado o assunto a sério. A despeito de ser um dos ramos mais novos da ecolinguística, já dispõe de uma meia dúzia de reflexões sobre questões metodológicas, embora todas elas espargidas por diversos ensaios dedicados a outros assuntos. Em cada um deles há uma seção ou apenas um ou alguns parágrafos falando de metodologia. Pelo menos Albuquerque (2015) e Silva (2015) são inteiramente dedicados à ecometodologia.

Diante de tudo isso, meu objetivo neste artigo é sistematizar tudo que já tem sido dito, tanto no Brasil quanto em outros países, e tentar mostrar como alguém que deseje estudar determinado fenômeno da linguagem da perspectiva da ecolinguística ou, mais especificamente da linguística ecossistêmica, pode proceder. Enfim, tentar deixar claro o que vem a ser a metodologia da linguística ecossistêmica, a **ecometodologia**, que é eminentemente uma multimetodologia.

Aliás, a ecolinguística não está sozinha no uso da multimetodologia. Ela é adotada também na psicologia ambiental ou ecopsicologia, na sociologia ambiental ou ecossociologia, na antropologia ecológica ou ecoantropologia (a expressão "antropologia ambiental" tende a não ocorrer). Enfim, toda ciência que adota o paradigma ecológico é, em princípio, multimetodológica.

2 Sobre metodologia

Meu objetivo não é discutir modelos de metodologia, que existem em grande quantidade. O que pretendo fazer é mostrar como a questão pode ser abordada ecolinguisticamente. A etimologia da palavra já dá um direcionamento sobre seu significado. Composta de *metá* (alvo, meta) e *odós* (caminho), a própria composição da palavra já diz que ele indica o caminho que se deve percorrer para ir do modelo teórico para os dados ou dos dados para o modelo teórico, para se atingirem os objetivos da pesquisa. O primeiro

procedimento (teoria --> empiria) tem sido chamado de **método dedutivo**, ou hipotético-dedutivo; o segundo (teoria <-- empiria), **método indutivo**. Geralmente os praticantes de um e de outro são radicais, ou melhor, unilaterais; só consideram o lado a que se dedicam, ignorando por completo o outro. Veremos que a ecometodologia pode ir nas duas direções, partindo preferencialmente da empiria e indo na direção da teoria, como fazia o "pai" do método empírico, Francis Bacon (1561-1626), e retornando à empiria, percorrendo esse ciclo quantas vezes forem necessárias (COUTO, 2017). Mas, ela pode também partir da teoria e ir na direção da empiria retornando em seguida à teoria, e vice-versa, em ambos os casos ciclicamente.

Um ótimo exemplo de **método indutivo**, do estruturalismo americano, é o que foi praticado por Kenneth L. Pike, um dos formuladores da fonêmica americana e criador da tagmêmica, que se expandiu para a análise dos fenômenos culturasis, como se pode ver no monumental *Language in relation to a unified theory of the structure of human behavior* (Glendale, CA: Summer Institute of Linguistics, 1954-1960). Nos anos oitenta do século passado, ele proferiu uma palestra no extinto Summer Institute of Linguistics, em Brasília. Na ocasião, ele disse que ao chegar a um grupo indígena com o qual não há nenhuma língua para comunicação, o linguista treinado em transcrição fonética mostra uma folha de árvore a alguém que se mostrar mais simpático e, se ele proferir algum som, o transcreve como pode. Depois o linguista mostra uma pedra e transcreve o som que essa pessoa do grupo proferir. Mostra a água e transcreve, e assim sucessivamente. Ao chegar lá pela décima ou vigésima palavra, ele já estará começando a ter uma vaga ideia da fonética-fonologia da língua local. Ao chegar a umas 400 a 500 palavras, ele já terá ideia até mesmo de alguns aspectos da morfologia e da sintaxe. Com mais alguns dias de interação com os membros da comunidade e coletando mais dados, agora inclusive pequenas frases, o investigador já estará tendo uma ideia razoável da gramática dessa língua. Isso se completará quando ele estiver bastante familiarizado com a cultura local e começar a coletar narrativas.

É o melhor exemplo de aplicação do método indutivo na linguística de que já tive notícia. Eu tive o privilégio de assistir a essa palestra. Eu gostaria de acrescentar que os termos 'ético' e 'êmico' usados pelos antropólogos e outros cientistas sociais foram criados por Pike, baseado em 'fonética' e 'fonêmica'. Seu livro *Phonemics (Fonêmica)*, de 1947, aplica essa metodologia no estudo dos sons das línguas com a finalidade de estabelecer o quadro de fonemas e, logo a seguir, criar uma ortografia para a língua em questão. Esse era fim último do procedimento criado por Pike.

Um bom exemplo de aplicação do **método dedutivo** nos estudos linguísticos é a gramática gerativa de Noam Chomsky. No início, quando ela ainda era chamada de 'gramática gerativo-transformacional', seu praticante fabricava frases com base nas regras abstratas e as testava junto a falantes nativos, a fim de averiguar se as "aceitavam" ou não. Eu me lembro de ter visto linguistas aplicando testes de 'aceitabilidade', com base no 'desempenho (*performance*)' dos falantes. De qualquer forma, isso era um aspecto menor da teoria, pois o que importava era a 'gramaticalidade', uma vez que era ela que refletia a 'competência' dos falantes para produzir frases 'gramaticais'. Como parte dessa 'competência', eles eram capazes de julgar o que era 'agramatical'. Vale dizer, trata-se de um procedimento diametralmente oposto ao apresentado por Pike, que Chomsky menosprezava como sendo mero *discovery procedures* (procedimentos de descoberta).

Uma questão com a qual todo cientista tem que se avir é a da neutralidade relativamente ao objeto investigado, evitando que seu engajamento envie o resultado. Em época recente, duas posições foram defendidas. A primeira é a da objetividade total, ou seja, de que o cientista deve se manter inteiramente neutro frente ao objeto de estudo. Essa é a posição do positivismo de Comte e Durkheim (LÖWY, 1985). Por outro lado, temos a posição do agrobiólogo soviético Trofim Denisovitch Lyssenko, de acordo com a qual não há

neutralidade na ciência, toda pesquisa é engajada, reflete a ideologia perfilhada pelo pesquisador que, no caso dele, era o materialismo dialético e histórico (BENSUSSAN, 1982: p. 536). Como toda posição rigidamente unidirecional, para a visão ecológica de mundo aqui perfilhada as duas posições são radicalmente parciais. Na verdade, a neutralidade absoluta é impossível, mas deixar que a ideologia e as preferências do investigador dirijam os resultados também é condenável. Além da detalhada discussão apresentada por Löwy (1985), vejamos o que dizem outros cientistas sociais e estudiosos de física.

Uma questão importante é a da unimetodologia *versus* multimetodologia. Boaventura de Sousa Santos é claramente a favor da multimetodologia. Em Sousa Santos (1996), ele afirma que "o conhecimento pós-moderno, sendo total, não é determinístico, sendo local, não é descritivista. É um conhecimento sobre as condições de possibilidade". Para ele, "um conhecimento deste tipo é relativamente imetódico, constitui-se a partir de uma pluralidade metodológica. Cada método é uma linguagem e a realidade responde na língua em que é perguntada. Só uma constelação de métodos pode captar o silêncio que persiste entre cada língua que pergunta. Numa fase de revolução científica como a que atravessamos, essa pluralidade de métodos só é possível mediante transgressão metodológica. Sendo certo que cada método só esclarece o que lhe convém e quando esclarece fá-lo sem surpresas de maior, a inovação científica consiste em inventar contextos persuasivos que conduzam à aplicação dos métodos fora do seu *habitat* natural" (48-49).

Na própria física, tida como a rainha das ciências, foi demonstrado que o processo de investigação afeta o resultado. Partindo da "teoria do *bootstrap*" de Geoffrey Chew, cuja base matemática é a "matriz S" (*scattering matrix*), ou seja, "matriz do espalhamento", Capra (1995) diz que "uma metodologia que não utiliza perguntas bem definidas e que não admite nenhum fundamento firme para o nosso conhecimento certamente parece pouquíssimo científica". Para Chew, no entanto, continua o autor, é preciso entender que não há descrições verdadeiras, mas aproximadas, é preciso "reconhecer o papel crucial da aproximação nas teorias científicas" (p. 54). Afinal, "os cientistas não lidam com a verdade; lidam com descrições limitadas e aproximadas da realidade" (p. 55). Em termos linguístico-ecossistêmicos, é preciso aceitar a multidisciplinaridade e a multimetodologia. A propósito, Capra diz: "passei vários anos integrando ideias de disciplinas diversas num arcabouço conceitual que começava a se delinear com lentidão" (p. 56). Isso porque ele "aprendera com Chew que é possível usarmos modelos diferentes para descrever aspectos diversos da realidade" (p. 57). Com as devidas cautelas, não há a necessidade de ter medo do ecletismo. Tudo isso porque, como nos mostra o perspectivismo (ORTEGA Y GASSET, 1963, p. 43-67, 180-190), só conseguimos ver um pequeno aspecto do objeto investigado de cada vez. Para vê-lo na íntegra é preciso integrar diversas abordagens teórico-metodológicas. Para fazer isso, precisamos da ajuda de especialistas nas diversas áreas, uma vez que o conhecimento está altamente fragmentado. Por fim, na própria física sabe-se que o instrumento de medição afeta o objeto investigado.

Por isso, a linguística ecossistêmica utiliza a visão multilateral da ecometodologia. Ela tem consciência de que tanto os métodos indutivos quanto os dedutivos contêm uma parcela de verdade. Por isso, é preciso pôr os dois a dialogar entre si, enfim, entre indução e dedução tem que haver uma interação dialética. Por um lado, como vários investigadores já disseram, nós achamos o que procuramos, o que pressupõe um ponto de vista prévio, ou seja, algum laivo de teoria, postura dedutiva. Por outro lado, só podemos ter algum ponto de vista se já temos alguma ideia do objeto, o que pressupõe algum tipo de conhecimento ou contato prévio com ele, o que implica uma postura indutiva. Vale dizer, é difícil dizer o que veio primeiro, o ovo ou a galinha. Tudo isso justifica a posição dialética da ecometodologia.

3 Pequeno histórico da metodologia na linguística ecossistêmica

Poderíamos começar pelos pensadores que adotaram a ideia do perspectivismo, como o já mencionado Ortega y Gasset e alguns outros. No entanto, vou partir do sociólogo marxista brasileiro-francês Michael Löwy. Diante da visão de mundo do proletariado e da burguesia, ele apresenta a seguinte pergunta, reportando-se ao livro *Ideologia e utopia* de Karl Mannheim: "qual é a posição que tem as maiores chances de chegar ao máximo de verdade?" Löwy afirma que, para Mannheim, "a consciência burguesa tem um interesse social vital a esconder de si mesma, os limites de sua própria racionalidade, isto é, a burguesia não só tem a necessidade de esconder do proletariado a situação real, mas de si mesma, porque ela precisa de ilusões para acreditar em sua função histórica. O marxismo, ao contrário, representa um *observatório mais elevado* (grifos no original, hhc) do que a burguesia" (LÖWY, 1985, p. 81). Com efeito, "o ponto de vista do proletariado, então, não é o ponto de vista de tal ou qual fração, tal ou qual categoria, tal ou qual grupo, seja em função de critérios econômicos, nacionais, culturais ou religiosos, mas a busca de um ponto de vista universal, porque o que define o ponto de vista do proletariado é a sua universalidade, que é, digamos, o ponto de vista da totalidade, que está além dos interesses de categorias, de frações, de localidades" (LÖWY, 1985, p. 108). A "visão social de mundo" do proletariado é um "ponto de vista superior" (p. 104), como a visão que se tem a partir da cumeeira da casa ou do topo de uma montanha.

Deixando lado o viés marxista do autor, é preciso reconhecer que a imagem do observatório de cima da montanha é justamente o que interessa à ecometodologia, que a adotou, juntamente com o método da focalização de Mark Garner, comentado abaixo. Uma das observações mais interessantes de Löwy é a de que "o que define a ciência como tal é a tentativa de conhecimento da verdade" (p. 110), vale dizer, a procura pela verdade, o que tem a ver com as "descrições aproximadas" de Fritjof Capra, segundo as quais, a nova ciência representa uma "mudança de descrições verdadeiras para descrições aproximadas" (1998, p. 133ss.).

O próximo passo no que levou à ecometodologia da linguística ecossistêmica foi dado, mais de onze anos após as ideias de Löwy, pelo alemão Hans Strohner que, aparentemente, as ignorava. A despeito disso, Strohner é duplamente importante para os objetivos aqui colimados. Primeiro, porque foi ele quem primeiro usou a expressão "linguística ecossistêmica" (*ökosystemische Linguistik, ökosystemische Sprachwissenschaft*) por escrito, justamente no ensaio a que estou me referindo (STROHNER, 1996), o que faz dele o iniciador dessa vertente da ecolinguística, seguindo seu colega na Universidade de Bielefeld, Peter Finke, e os discípulos deste, Wilhelm Trampe. Segundo, porque ele foi o primeiro a falar explicitamente em metodologia no seio da própria ecolinguística.

O ensaio Strohner (1996) porta o título de "Die neue Systemlinguistik: Zu einer ökosystemischen Sprachwissenschaft" (A nova linguística do sistema: por uma linguística ecossistêmica). A seção 3 desse ensaio se intitula justamente "Methodologie". O autor começa dizendo que "ao lado da teoria, a metodologia é o segundo pilar de uma ciência". Em sua opinião, "mais do que no âmbito da teoria, o destino futuro da ecolinguística se mostrará no da metodologia". Por isso, "uma linguística ecossistêmica tem a oportunidade desenvolver uma metodologia que envolva uma solução cooperativa de problemas de modo mais adequado do que a metodologia da linguística estruturalista ou de uma linguística funcionalista ingênua" (p. 56).

Strohner diz que o método proposto contém três passos, que ele descreve pormenorizadamente: (1) a empiria produtora de hipóteses (*hypothesenerzeugende Empirie*), (2) a modelização teórica, (3) a empiria comprovadora de hipóteses (*hypothesenüberprüfende Empirie*). Isso antecipa o ciclo dialético da ecometodologia apresentado mais abaixo. O autor

encerra a seção sobre metodologia afirmando que mesmo quando o investigador estiver tratando de "questões específicas" ela deve ser encarada como "parte necessária da metodologia integrativa da linguística ecossistêmica" (p. 57).

Quem expôs a ecometodologia quase nos termos da linguística ecossistêmica foi o ecolinguista britânico Mark Garner, que, também ele, não menciona nenhum dos dois autores que refletiram sobre o assunto antes dele (GARNER, 2004). Como a ecometodologia linguístico-ecossistêmica é quase idêntica à desse autor, eu falarei dela na seção 5 abaixo.

O ecolinguista australiano Joshua Nash dedica a seção "4: Theories, methods and techniques" de sua tese de doutorado, sobretudo a subseção 4.3, à questão da metodologia (NASH, 2011). Albuquerque (2015, p. 136) apresenta uma síntese da proposta desse autor, mostrando que "sua contribuição maior para a metodologia da ecolinguística foi a de elaborar duas propostas de metodologia importantes, são elas: o trabalho de campo ecolinguístico e o minimalismo empírico". O primeiro aspecto "leva em consideração a relação entre a comunidade, os informantes, o pesquisador", com este agindo como se pertencesse à comunidade. Mais ou menos como os antropólogos que vivem anos a fio nas comunidades indígenas cuja cultura vão investigar. Quanto ao minimalismo empírico, "consiste na escolha de um objeto de estudo reduzido por parte do pesquisador para que possa ser melhor estudada a maior parte das inter-relações que ocorrem dentro do ecossistema escolhido para investigação". Por fim, acrescenta Albuquerque, para Nash "cada ecologia é única" (p. 138). Como aconteceu com Strohner e Garner, tampouco Nash menciona as reflexões anteriores que eu menciono no presente artigo.

As primeiras reflexões sobre metodologia no âmbito da ecolinguística brasileira -- linguística ecossistêmica -- foram expostas em Couto (2013c, p. 289-291), em que a própria palavra 'ecometodologia' foi sugerida pela primeira vez. Partindo do pressuposto de que a ecolinguística é uma nova maneira de se encararem os fenômenos da linguagem, ou seja, que adota a visão ecológica de mundo, pode-se considerá-la como uma plataforma a partir da qual se pode estudar todo e qualquer fenômeno da linguagem. Salienta-se que as diversas teorias parcelares são como janelas que permitem ver um restrito domínio do objeto de estudo, com o que ele pode ser estudado em suas minúcias. A **ecometodologia** é vista como o ponto de vista da cumeeira da casa, ou o topo da montanha de Löwy, de onde se pode ter uma visão do todo (holismo).

Em Couto (2013a), temos dois pequenos capítulos (p. 115-123) dedicados à metodologia na ecolinguística, inclusive citando os três precursores (Löwy, Nash, Garner). Há um detalhamento maior de como proceder para analisar minúcias de determinado setor. Essas propostas iniciais são retomadas sem grandes acréscimos em dois outros ensaios ulteriores. Em Couto (2016b) temos nova tentativa de mostrar como conciliar a visão englobante com o estudo de dados finos de domínios específicos dos fenômenos da linguagem. No ensaio Couto (*a sair*), por fim, há uma seção intitulada "Holism and multimethodology", em que se apresenta o **método da focalização** (*focussing method*) de Garner, já comentado acima. Esse método representa uma atualização e aperfeiçoamento da proposta inicial de Michael Löwy.

Atualmente, já existem dois ensaios dedicados exclusivamente à metodologia na ecolinguística produzidos por membros do eixo Brasília-Goiânia, isto é, os já mencionados Albuquerque (2015) e Silva (2015). O primeiro deles é o que mais se aproxima da presente proposta. Também ele apresenta um pequeno histórico da ecometodologia, falando dos principais precursores, exceto Löwy, que pode ser considerado o primeiro. Quanto a Silva (2015), é de caráter mais filosófico. Enfatiza a ideia de que a pesquisa em ecolinguística deve partir do ecossistema integral da língua (ex-ecologia fundamental da língua), mas dissecá-lo em seus componentes natural, mental e social, mediante as inter-relações que sempre existem entre eles. Ele exemplifica com uma "mexerica de três gomos": pode-se estudar um gomo

específico, mas sem esquecer que ele só faz sentido em suas inter-relações com os outros dois e com o todo da mexerica de que fazem parte. Por fim, distingue a **metodologia de coleta** e a **metodologia de análise** dos dados, outra questão que merece ser investigada, mas que, infelizmente não será abordada aqui.

4 A metodologia em outras eco-ciências

Começamos pela psicologia ambiental, pelo motivo de a psicologia em geral ter sido uma das primeiras a adotar uma postura que se poderia chamar de ecológica. Poderíamos recuar pelo menos aos gestaltistas e, entre eles, Kurt Lewin (1890-1947). Lewin é um dos inspiradores do tripé do ecossistema linguístico, mesmo sem mencionar a ecologia, termo que não era comum em sua época.

No caso específico da psicologia ambiental, começo com a pesquisa de Hartmut Günther, da Universidade de Brasília. De acordo com esse pesquisador, "ao menos no presente, não há teoria e/ou método que, por si só, seja capaz de explicar a complexidade do comportamento humano". Por isso, continua, "na medida em que os resultados baseados em diferentes perspectivas teóricas e metodológicas complementem uns aos outros, poderemos eventualmente adquirir uma *Gestalt* mais completa da natureza da psicologia humana". Isso porque, "dadas as múltiplas interfaces da Psicologia Ambiental apontadas acima, tanto dentro quando além da psicologia, o multilateralismo teórico e metodológico é apenas uma consequência lógica, necessária". Por isso, "uma consequência prática deste viés é um interesse predominante em soluções de problemas práticos antes do que o ganho em campos de batalha sobre teorias, não sem esquecer, contudo, a advertência de Lewin de que "nada é mais prático do que uma boa teoria" (GÜNTHER, 2005, p. 180).

Não param por aí as observações de Günther que são semelhantes ao que propõe a linguística ecossistêmica. Na mesma página, ele diz que a psicologia ambiental tem um "*referencial necessariamente interdisciplinar*", o que "implica não somente em uma aceitação e uso de múltiplas abordagens teóricas e metodológicas, mas em uma abordagem multilateral para lidar com as relações entre campos de estudo". Como se vê, ao lado de multidisciplinaridade, o autor fala também em multilateralidade, que sugere a necessidade de se encarar o fenômeno observado em todas as direções, vale dizer, como inserido em uma rede de interações.

Uma outra ideia interessante encontrável neste ensaio é a do "método como uma consequência da questão" (p. 181). Isso coincide com minhas primeiras palavras sobre ecologia. Em Couto (2013a, p. 119), está relatada a resposta a uma pergunta de Joshua Nash sobre como é a metodologia ecolinguística. "Sem pensar muito, respondi que ela é dada pelo objeto de estudo", embora logo em seguida eu tenha ficado com medo de ter dito uma asneira. Os argumentos de Günther me trouxeram um certo alívio. Eles mostram que eu não fui o único a pensar assim. Metodologia sugerida pelo objeto a ser investigado parece uma atitude inevitável na multimetodologia.

Por fim, Günther asseverou que é preciso "pensar cientificamente e comportar-se praticamente" (p. 181), o que, de certa forma, é uma paráfrase do conhecido dito "pense globalmente, aja localmente", surgido entre os ambientalistas. Para mais argumentos no mesmo sentido, pode-se consultar Günther e Rozestraten (2005).

Vejamos o que se disse em termos de metodologia na sociologia ambiental. Em Dunlap e Catton (1979) e Catton e Dunlap (1980), o que vemos é apenas um histórico desta orientação na sociologia, sua tentativa de se afirmar como disciplina acadêmica. Eles criticam a posição de Émile Durkheim de que fatos sociais viriam de fatos sociais, mostrando que pode haver influência do meio no surgimento deles, embora o contrário também ocorra. Eles condenam o **paradigma do excepcionalismo humano** e defendem o **novo paradigma**

ambiental. Um sociólogo que se aproxima do assunto é Stevens (2012), sugerindo que a ecossociologia pode se valer dos achados da ecopsicologia, logo, usar sua metodologia pelo menos em parte. Enfim, pode até ser que os sociólogos ambientais não defendam a multidisciplinaridade explicitamente, mas ela fica implícita na aceitação do modelo do ecossistema biológico, com todas as suas características, como a abertura, a visão abrangente (holística) etc.

Na antropologia, tem prevalecido o método da observação participante. Esse método frequentemente se combina com o etnográfico, lembrando a proposta de Joshua Nash mencionada acima. Afinal, para se conhecer a cultura de determinado grupo étnico, o pesquisador geralmente mora por um longo período no seio desse grupo, participando do dia a dia de seus membros, adquirindo uma visão de conjunto de toda sua vida e cultura. Com isso, a metodologia acaba sendo multimetodológica (NEVES, 1996). Aliás, a antropologia é a ciência social que apresenta mais afinidades com a ecolinguística.

5 A ecometodologia linguístico-ecossistêmica

A ecometodologia da linguística ecossistêmica é basicamente a proposta de Löwy e Garner, combinadas. O primeiro usou a metáfora do topo da montanha, por oposição à visão de quem está intimamente ligado a um lado específico do objeto investigado. O segundo, mostrou como esse procedimento pode ser posto em prática no momento de se estudar um fenômeno fino tanto da exoecologia quanto da endoecologia linguística. Garner acha que "o método analítico e reducionista tradicional não é apropriado para o estudo dos fenômenos da linguagem de um ponto de vista ecológico". Partindo dessa visão de mundo, ele sugere o **método da focalização**, que ele descreve da seguinte forma: o "conceito de focalização implica prestar bastante atenção a um problema ou fenômeno contra o pano de fundo do contexto em que ele ocorre. Em um filme, a câmera pode focalizar, por exemplo, a face de um ator a fim de chamar a atenção para uma expressão particular, mas, durante o tempo em que os outros elementos da cena estiverem fora de foco, estão ainda lá como um pano de fundo essencial para entender a expressão. Mesmo se a face toma conta de toda a tela temporariamente, excluindo todo o resto, a câmera pode retroceder a fim de abarcar o contexto maior" (GARNER, 2004, p. 202).

A descrição do método da focalização é a melhor exposição de como deve proceder quem pratica linguística ecossistêmica no momento em que precisa estudar determinado fenômeno muito específico da língua, como a nasalidade vocálica em português, as orações relativas, construções clivadas etc. Praticar uma visão de mundo holística não significa que o cientista seja onisciente, que possa investigar todo e qualquer fenômeno de seu objeto. Quando o linguista ecossistêmico precisa estudar um domínio específico da perspectiva de determinada janela (sintaxe, morfologia, fonologia; contato de línguas, análise de discursos etc.) solicita a ajuda de um especialista e avalia os resultados obtidos a partir da visão da cumeieira, que é a da visão ecológica de mundo.

Por tudo que acaba de ser dito, nota-se que a ecometodologia é inicialmente, e preferencialmente, de base empírica, porém também dialética. Ela começa preferencialmente pelo objeto de estudo (objeto que já estava sendo procurado por alguma perspectiva teórica) e inclui um diálogo com o modelo teórico (modelo teórico escolhido devido ao objeto que o investigador tinha em mira). Enfim, contrariamente às metodologias tradicionais, a ecometodologia pode partir tanto do objeto quanto do ponto de vista teórico, pois sempre os fará dialogar entre si. O que é mais, de qualquer "lado" que partir, terá sempre em mira o outro no momento da partida. Não separa teoria de empiria, nem vai de uma à outra de modo mecanicamente unidirecional, como já sugerira Garner.

Como tentei mostrar em Couto (*a sair*), algumas tendências da ecolinguística são ecológicas sobretudo pelo objeto de estudo (ontologia), no caso, questões do ambientalismo. Elas tratam basicamente de textos-discursos de cunho ambiental, antiambiental ou pseudoambiental, que seriam objetos mais apropriados para a linguística ambiental (COUTO, 2017). Outras são ecológicas pela teoria (epistemologia), mediante o uso metafórico de conceitos ecológicos. A ecolinguística crítica praticada por alguns estudiosos europeus, chega a apresentar as duas características. A linguística ecossistêmica, por seu turno, é ecológica epistemológica, ontológica e metodologicamente. Com efeito, a metodologia das ciências tradicionais em geral vai da teoria para o objeto de estudo, ou do objeto para a teoria, de modo unidirecional. Na linguística ecossistêmica pode-se ir nas duas direções, procedimento típico da visão ecológica de mundo, compatível inclusive com o multilateralismo de Günther. A grande diferença relativamente à tradição é que de qualquer perspectiva que se parta, vai-se na direção da outra, num procedimento dialético. Enfim, a metodologia não precisa ser dada só pela teoria. O objeto de investigação pode também sugerir qual é a metodologia mais adequada a ser utilizada em determinada investigação. Essa segunda postura é a preferida pela linguística ecossistêmica, fazendo-a dialogar com a outra.

A linguística ecossistêmica tem uma metodologia muito clara que, no fundo, pode adotar a metodologia de qualquer uma das demais ciências sociais e, talvez, as da natureza e da ciência em geral, uma vez que ela é multimetodológica, por ser multidisciplinar. Essa ecometodologia decorre naturalmente da visão ecológica de mundo. Vale dizer, ela é pura e simplesmente uma sistematização do que fizeram os principais precursores comentados acima, quais sejam, Löwy, Strohner e Garner. A proposta de Joshua Nash também é muito interessante, inteiramente válida e está perfeitamente em sintonia com a ecometodologia da linguística ecossistêmica. Ela apenas não tocou na questão da dialética entre visão holística (da totalidade de Löwy) e estudo de dados finos de domínios específicos de determinado fenômeno da língua. Nash parece se ater à visão da janela, não mencionando a da cumeeira.

6 Exemplos de aplicação da ecometodologia

Vimos que a ecometodologia é decididamente multimetodológica. Isso implica ser multiteórica, pois praticamente todos os modelos teóricos têm seu modo de tratar os dados, quer dizer a todos eles está associada, explícita ou implicitamente, uma metodologia de como devem ser aplicados. Assim sendo, gostaria de dar alguns exemplos de investigações especializadas que foram utilizadas para conclusões gerais, de caráter abrangente. Primeiro, temos a pesquisa do vocabulário da linguagem dos ciganos calon do norte de Goiás feita por Melo (2005). Partindo de algumas poucas sobrevivências do léxico romani original, ele pôde ter alguma ideia pelo menos de sua morfologia. A pesquisa de Couto (2013b) sobre um pequeno grupo de ciganos kalderash de Aparecida de Goiânia (GO) constatou que eles formavam uma comunidade de fala específica, em um bairro da cidade. Notou também que, embora ainda mantenham grande parte da sua variedade de romani (romanês), ela se encontra em obsolescência. Inclusive a cultura está se deteriorando, mesmo porque eles se tornaram evangélicos, com o que muitos de seus hábitos tradicionais passaram a ser vistos como algo "errado", "pecaminoso" etc.

Um caso mais interessante de uso de dados obtidos em uma pesquisa de dados bastante específicos para conclusões gerais é o de Mane (2001). Ele fez uma descrição fonológica das variedades linguísticas da Guiné-Bissau conhecidas como mancanha, manjaco e pepel, tradicionalmente tidas como três línguas distintas. Mane constatou que as três têm basicamente a mesma fonologia. Isso foi um argumento para o autor afirmar que se tratava de três variedades ("dialetos") da mesma língua. Vale dizer, uma pesquisa bastante especializada

forneceu argumentos para se discutir a polêmica questão sobre qual é a diferença entre língua e dialeto.

Todos esses exemplos mostram casos em que o estudioso usou um modelo teórico específico, foi a campo, coletou dados e os analisou tecnicamente de acordo com os procedimentos previstos na aplicação do próprio modelo. De posse dos dados analisados, o investigador avaliou-os de uma perspectiva mais ampla. Nos três casos, usaram-se teorias e metodologias indutivistas, que permitiram tirar conclusões mais amplas. O procedimento de Pike comentado acima pode ser tido como outro exemplo: partindo de dados fonéticos, lidando com produção sonora concreta pelos falantes das línguas, chegou-se a um sistema fonológico, de interesse para a teoria fonológica.

7 Observações finais

Como disse Hans Strohner, há íntimas relações entre teoria e metodologia. Na verdade, uma não vive sem a outra; nem em casos extremos como o de Chomsky, que disse que não tinha "método/metodologia". O praticante de gramática gerativa precisa ter, como o praticante de qualquer modelo teórico, algum modo de coletar, analisar e interpretar os dados com que trabalha. Por exemplo, os próprios 'testes de aceitabilidade' das versões iniciais dessa teoria já eram um tipo de metodologia de ação, de aproximar dados e teoria. Como sabemos, e creio ter ficado claro em toda a argumentação acima, a metodologia não passa de um modo de ligar teoria e dados.

Vimos que as teorias altamente especializadas, como a teoria fonêmica do estruturalismo americano, podem e devem usar uma unimetodologia bastante específica. Dada a orientação filosófica em que se baseia sua fundamentação filosófica, não é possível praticar a multimetodologia. O procedimento de Pike mencionado acima é um exemplo, sobretudo se forem acrescentadas as "regras de identificação de fonema" e todo o procedimento de sua aplicação, muito bem explicitados no livro *Phonemics* (1947) do autor. Algo parecido deve ser válido para qualquer outro modelo teórico especializado.

Nas disciplinas que perfilham a visão ecológica de mundo, bem como todas as que procuram encarar seu objeto de modo holístico, as coisas não são tão lineares assim. Como disse Günther para a psicologia ambiental, nas ciências "holísticas", como a linguística ecossistêmica, temos o "método como uma consequência da questão" de pesquisa, do objeto a ser investigado. Enfim, ainda seguindo esse autor, podemos dizer que a ecometodologia da linguística ecossistêmica é multimetodológica e, por encarar seu objeto como formando uma rede e sendo parte de uma rede maior, qualquer "ponto" das interconexões sobre o qual focalizarmos a atenção se relacionará com diversos outros de modo multilateral.

Referências

- ALBUQUERQUE, Davi Borges. Palavras iniciais sobre metodologia em ecolinguística. *Via litterae* v. 7, n. 1, p. 131-142, 2015.
- BENSUSSAN, Gérard. Lyssenkisme. In: *Dictionnaire critique du marxisme*. Paris: Presses Universitaires de France, 1982. p. 536.
- CAPRA, Fritjof. *Sabedoria incomum*. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.
- _____. *Pertencendo ao universo*. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.
- CATTON JR., William R.; DUNLAP, Riley E. A new ecological paradigm for post-exuberant sociology. *American behavioral scientist*, v. 24, n. 1, p. 15-47, 1980.
- COUTO, Elza K. N. N. do. *Ecolinguística: Um diálogo com Hildo Honório do Couto*. Campinas: Pontes, 2013a.

- _____. O meio ambiente dos ciganos de Aparecida de Goiânia (GO). *Cadernos de linguagem e sociedade*, v. 13, n. 1, p. 213-236, 2013b.
- COUTO, Hildo Honório do. O que vem a ser ecolinguística, afinal? *Cadernos de linguagem e sociedade*, v. 14, n. 1, p. 235-313, 2013c.
- _____. Ecological approaches in linguistics: an historical overview. *Language sciences*, v. 41, p. 122-128, 2014.
- _____. Comunidade de fala revisitada. *Ecolinguística: revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)*, v. 2, n. 12, p. 47-72, 2016a. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/20035/14225> Acesso em 25 jan 2017.
- _____. Ecolinguística. In: MOLLICA, Cecília; FERRAREZI JR., Celso (orgs.). *Sociolinguística, sociolinguísticas*. São Paulo: Contexto, 2016b. p. 87-95.
- _____. Linguística ambiental. Disponível em: <http://meioambienteelinguagem.blogspot.com.br/2017/03/linguistica-ambiental.html> Acesso em 12 jul 2017.
- _____. Ecosystemic linguistics. In: FILL, Alwin; PENZ, Hermine (orgs.). *Routledge handbook of ecolinguistics*. Londre: Routledge, seção I, B (*a sair*).
- DUNLAP, Riley E.; CATTON JR., William R. Environmental sociology. *Annual review of sociology*, v. 5, p. 243-273, 1979.
- GARNER, Mark. *Language: An ecological view*. Berna: Peter Lang, 2004.
- GÜNTHER, Hartmut. A psicologia ambiental no campo interdisciplinar de conhecimento. *Psicologia USP*, v. 16, n. 1/2, p. 179-183, 2005.
- _____; ROZESTRATEN, Reinier J. A. Psicologia ambiental: algumas considerações sobre sua área de pesquisa e ensino. *Textos de Psicologia Ambiental*, n. 10, Lab. Psic. Amb., UnB, 2005.
- LÖWY, Michael. *Ideologias e ciência social: Elementos para uma análise marxista*. São Paulo: Cortez Editora, 1985. p. 81.
- MANE, Djiby. Djiby Mane. *Manjaco, mancanha e papel: três línguas ou três dialetos de uma única língua?* Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília, 2001.
- MELO, Fábio José D. de. *O calon dos ciganos do nordeste de Goiás: uma língua obsolescente*. 2005. Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília, Brasília, 2005.
- NASH, Jushua. *Insular toponymies: Pristine place-naming on Norfolk Island, South Pacific and Dudley Peninsula, Kangaroo Island, South Australia*. 2011. Tese de Doutorado, Universidade de Adelaide, Austrália, 2011.
- NEVES, Walter. *Antropologia ecológica*. São Paulo: Cortez Editora, 1996.
- ORTEGA Y GASSET, José. *Origem e epílogo da filosofia*. Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano, 1963.
- SILVA, Samuel Sousa. Por uma metodologia própria para a ecolinguística e a ADE. *Via litterae*, v. 7, n. 1, p. 143-155, 2015.
- SOUSA SANTOS, Boaventura. *Um discurso sobre as ciências*. 8. ed. Porto: Edições Afrontamento, 1996.
- STEVENS, Paul. Towards an ecosociology. *Sociology*, v. 46, n. 4, p. 579-595, 2012.
- STROHNER, Hans. Die neue Systemlinguistik: Zu einer ökosystemischen Sprachwissenschaft. In: FILL, Alwin. *Sprachökologie und Ökolinquistik*. Tübingen: Stauffenburg Verlag, 1996. p. 49-58.

**INTERFACES ENTRE ECOLINGUÍSTICA E LETRAMENTOS: AS
CONTRIBUIÇÕES DO ECOSISTEMA DA LÍNGUA NAS VIVÊNCIAS DOS
LETRAMENTOS COMO PRÁTICAS SOCIAIS NO ÂMBITO DA LICENCIATURA
EM EDUCAÇÃO DO CAMPO DA UFT/CAMPUS ARRAIAS**

Roberta Rocha Ribeiro
UFT/*Campus* Arraias

Gilberto Paulino de Araújo
UFT/*Campus* Arraias

Tânia Borges Ferreira
UnB/Faculdade Anhanguera

O presente estudo traz à baila discussões acerca das contribuições do ecossistema da língua (COUTO, 2007; ARAÚJO, 2014) na abordagem de letramentos como práticas sociais (STREET, 2014; GEE, 2000; RIOS, 2002; ROJO, 2009; BARTON; HAMILTON, 2000; BARTON, 1994) experienciadas no curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFT/*Campus* Arraias. O ecossistema da língua, constituído pelas relações entre língua, povo e território, é uma concepção a qual nos auxilia a compreender como as/os discentes campesinas/os, em suas práticas sociais situadas na Universidade, iniciam suas imersões nos letramentos dominantes (com os gêneros textuais inerentes da academia, como Resenha e Artigo). Todavia, essas imersões ocorrem de modo complexo, tecidas em consonância com os letramentos vernaculares. Em nossa proposta, partindo das relações do ecossistema da língua, visualizamos essa rede complexa como o prelúdio metodológico de nossas práticas pedagógicas, na seara dos Letramentos, com o público em questão. Isso significa que os letramentos vernaculares, típicos do universo do campo, presentes em textos acadêmicos, no processo de nossas práticas, aproximam as/os estudantes das exigências da Universidade e, com o tempo, o alunado compreende que é possível utilizar o letramento dominante (até mesmo como arma de luta social, via palavra-mundo freireana) sem deixar de ser campesina/o. Para construir essa discussão, analisamos, por comparação, gêneros acadêmicos confeccionados por estudantes do terceiro e sexto períodos do segundo semestre de 2016. Essa comparação referente ao início e ao final do curso possibilita visualizarmos o processo de vivência dos letramentos aqui explicitados.

Palavras-chave: Ecolinguística, Letramentos, Prática pedagógica.

A NEGAÇÃO NO DISCURSO LITERÁRIO DE EMPODERAMENTO FEMININO EM *RAINHA VASHTI*, DE MYRIAM FRAGA

Pablo Diego Dias de Souza
UEFS. E-mail: pablo.dias22@outlook.com

Andréa Silva Santos
UEFS. E-mail: deaanita@hotmail.com

Partindo do pressuposto de que o ato de negar também é considerado uma afirmação, apresentamos uma análise, através de uma prática que percorre os caminhos da Literatura Comparada e da Psicanálise, sobre a obra poética e de cunho dramático, *Rainha Vashti*, de Myriam Fraga (2015). A leitura envolve a reflexão sobre o posicionamento político feminino, o despertar da consciência da mulher, abarcando a problemática em torno de responder às questões do “não”: Quem diz o não? Para quem é dito? Quais as consequências? Além destes questionamentos, refletimos a respeito da construção histórico-social do ser mulher, dialogando com a obra *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir (1980). Observamos que o poema dramático de Fraga apresenta uma relação com o conceito de “denegação”, termo que foi falado no artigo *A negativa* desenvolvido por Sigmund Freud (1925). Observamos isto no que se refere ao comportamento da personagem principal diante das adversidades impostas a ela, que se nega ao desejo e às vontades ditatoriais de um sistema patriarcal. A nossa pesquisa é qualitativa, bibliográfica, com base em discussões sobre a condição feminina, a leitura e análise do corpus literário. Entre os textos e livros, citamos *Gênero, poder e empoderamento das mulheres*, de Alice Costa (2012); *Rainha Vashti: A dimensão lírica de uma fábula política*, de Cleise Mendes (2015); *A ordem do discurso*, de Michel Foucault (1996); *Um toque feminino na ficção*, de Virginia Woolf (1882) e *Literatura comparada*, de Tânia Carvalhal (2006).

Palavras-chave: Condição feminina, Discurso, Rainha Vasthi.

IMAGEM DA MÍDIA: TESSITURA ENTRE O IMAGINÁRIO E *ETHOS* DISCURSO

Lutiana Casaroli

Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto

Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. FAPEG.

Esse artigo tem como objetivo discutir como a mídia, por meio de seus discursos autorreferentes, constrói a própria imagem ao passo que ressalta as características de seu *ethos* e, sobretudo, alimenta a dinâmica do imaginário ao atualizar antigas práticas em ritos atuais. A temática circunscreve aspectos acerca do discurso dessa mídia autorreferente, no intuito de esclarecer de que modo se dá a significação do seu mundo, assim como da estrutura antropológica de seu imaginário. Filiamo-nos aos pressupostos teóricos da análise do discurso, especialmente em sua linha francesa, para analisar a constituição dos discursos a partir de enunciados adotados, em termos de efeitos de sentido produzidos e de estratégias discursivas utilizadas. Para tanto, lançaremos mão da concepção de *ethos* discursivo, desenvolvida por Maingueneau (2015; 2008) e Amossy (2014), por compreendermos como se dá a constituição dessa imagem de si discursivamente. Em se tratando de imaginário, adotamos a Antropologia do Imaginário, de Gilbert Durand e seus precursores, para ir à busca da compreensão do imaginário mobilizado. A hipótese trabalhada é a de que a autorreferencialidade apresenta-se como uma verdadeira transgressão do discurso da informação e propagandístico, uma vez que revela uma nova faceta simbólica da mídia: o efeito de sentido desejado é o de mobilização da afetividade do destinatário desse contrato de leitura.

A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO COMO RESULTADO DA FÉ NO FILME “O PAGADOR DE PROMESSAS”

Luciano Santos da Silva
Graduando de Licenciatura em Vernáculos /UEFS
E-mail: lusantos.ba@hotmail.com

Este trabalho tem como finalidade abordar uma discussão sobre como o imaginário interfere e dialoga com o fenômeno da fé apresentado no filme de Dias Gomes (1961) “O Pagador de Promessas”. A discussão é composta de análise de filme e estudo bibliográfico, como exemplo François Laplatine, acerca da temática do imaginário e outros textos teóricos. O objetivo é mostrar como a interpretação dos fenômenos da fé ganha forma e se altera a partir do imaginário das personagens. Verificamos que nas distintas obras literárias a de se levar em consideração a capacidade de compreensão de cada indivíduo uma vez que independente da capacidade dele, será dado um sentido para a criação, narração, manifestação artística ou mesmo para o ser humano que é desde a sua criação uma imagem que permite a se fazer uma leitura e assim ter um entendimento sobre si, para que seja gerado um sentido de quem é aquele ser.

Palavras-chave: Imaginário, Fé, Sentido.

A NÃO ACEITAÇÃO DA DIVERSIDADE RELIGIOSA NO FILME O PAGADOR DE PROMESSAS

Michelly Jacinto lima Luiz

Mestranda no Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística,
Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Goiás; bolsista CAPES.

A obra fílmica “O pagador de promessas” (1962) é uma adaptação da obra literária homônima escrita por Dias Gomes, em 1960, e dirigido por Anselmo Duarte. O filme retrata a história do embate ideológico entre padre Olavo (representado por Dionísio Azevedo) e o protagonista Zé do Burro (representado por Leonardo Villar). Em síntese, a obra narra a história de Zé do Burro, que faz uma promessa a Santa Bárbara para alcançar a cura de seu burro de estimação e, ao conseguir a graça almejada, inicia sua jornada. Após caminhar sete léguas ao lado de sua esposa (representada por Glória Menezes), se depara com a escadaria da Igreja de Santa Bárbara, em Salvador. Na tentativa de pagar sua promessa, narra ao padre que havia feito uma promessa à Santa, em um terreiro de candomblé, na qual prometia que, caso seu burro de estimação se curasse, ele carregaria uma cruz tão pesada quanto a de Cristo até a Igreja de Santa Bárbara, ademais de dividir suas terras igualmente com os demais lavradores da região. Entretanto, o padre não permite a entrada de Zé do Burro na igreja, por sua promessa ter sido realizada em um terreiro de candomblé. Zé tenta insistir, mas a polícia é chamada ao local e tem início um embate entre ela e os capoeiristas que buscam defender o protagonista. No meio da confusão, Zé é atingido por um tiro e seu corpo é levado sobre a cruz para dentro da igreja.

Assim, este estudo defende a hipótese de que o sofrimento, em todos os seus níveis, é causado pelas disjunções culturais e pela não aceitação da diversidade, que decorrem da intolerância religiosa, o que pode ser atestado pelas análises das interações comunicativas na obra fílmica. Dessa forma, utilizamos a Análise do Discurso Ecológica como aporte teórico dessa pesquisa para analisarmos essa postura de intolerância apresentada pelo filme.

A Análise do Discurso Ecológica está inserida no contexto da linguística ecossistêmica, vertente da ecolinguística praticada no Brasil. A ADE baseia-se em uma visão ecológica do mundo (VEM), a qual prioriza o lado positivo de toda e qualquer questão, mas não no sentido de ignorar o que é negativo, e sim no de buscar atitudes que restitua o equilíbrio do ecossistema (COUTO; COUTO; BORGES, 2015). Para isso, consideramos a defesa intransigente da vida que se dá de forma pacífica, assim como na filosofia de Gandhi, que é uma das fontes de inspiração para a ADE.

A ADE permite um olhar diferenciado para o mundo, um olhar do ponto de vista ecológico. Um ecologista precisa preocupar-se até mesmo com a linguagem que utiliza, privilegiando aquela que não induza à depredação da natureza, além de observar seu objeto de estudo como parte de um todo maior.

Como a ADE é a aplicação da linguística ecossistêmica, ela utiliza os mesmos pressupostos teóricos da ecologia biológica, empregando-os de forma não metafórica. Esses conceitos são os de ecossistema, adaptação, evolução, diversidade, abertura, holismo etc.

O ecossistema é um conceito basilar tanto na ecologia quanto na análise do discurso ecológica. Quando aplicado à língua, temos o Ecossistema Integral da Língua (EIL), que é formado pelo Povo (P), pelo Território (T) e pela Língua (L), havendo uma inter-relação entre esses três elementos do EIL. Para que haja L, é necessário que exista um P, cujos membros vivam e convivam em um T (COUTO, 2007). Portanto, tanto a linguística ecossistêmica quanto a análise do discurso ecológica têm como base o EL e também os ecossistemas

integrantes, sendo eles: ecossistema social da língua, ecossistema mental da língua e ecossistema natural da língua.

O ecossistema mental é composto pela infraestrutura cerebral e pelas conexões neurais que operam a partir da aquisição, do armazenamento e do processamento da linguagem. Por sua vez, o ecossistema natural é constituído pelo exterior da linguagem, que inclui não só o território, mas também outros elementos da natureza. Por fim, o ecossistema social é constituído pelo próprio P, organizado socialmente (COUTO, 2007).

Outro conceito fundamental para o estudo aqui proposto é o de ideologia da vida ou ideologia ecológica, cujo principal objetivo é a preservação da vida. Essa ideologia não é antropocêntrica, mas sim biocêntrica e, por isso, valoriza a vida de todas as espécies que compõem o ecossistema. Nesse sentido, valorizando a vida, valoriza-se também a diversidade, considerada importante para o fortalecimento do ecossistema, no qual as relações se dão em rede, e não verticalizadas. Dessa maneira, ao nos depararmos com o filme em análise, percebemos a desvalorização da diversidade cultural e a não consideração da importância da vida. Por isso, buscamos propor medidas que possam tornar essas relações harmônicas.

A Análise do Discurso Ecológica, apesar de ter metodologia própria, que apresenta vários procedimentos de análise, postulada por Couto e Albuquerque (2013), também é ecometodológica, uma vez que se baseia na multimetodologia caracterizada pelo uso de inúmeros métodos, de várias ciências, para realizar a análise de um mesmo objeto de estudo. As principais categorias de análise observadas pelo pesquisador da ADE são: a endoecologia e a exoecologia; a ecologia da interação comunicativa (EIC) e os atos de interação comunicativa (AIC); as regras interacionais e as regras sistêmicas; os três ecossistemas da língua (social, mental e natural); os três elementos da ecologia fundamental da língua (L-P-T).

A partir das observações das interações na narrativa fílmica fica explícito que um dos maiores problemas na história é o sincretismo religioso que é proveniente da intolerância religiosa muito presente no ocidente. Nesse sentido, pode-se dizer que na obra a intersecção entre Iansã e Santa Bárbara pelos que praticam culto aos orixás não é aceita para os seguidores do catolicismo. Tal aspecto é a mola propulsora do conflito principal na relação entre os personagens da história. No Brasil, o absorvimento sincrético dos rituais e crenças das religiões africanas tem origem na interdição que a Igreja Católica europeia impele aos negros como uma forma de dominação. Esse “esforço” ocorre na realização de seus ritos, na organização e na reinterpretação de seus símbolos. Nesse movimento que forçavam os negros a aderirem ao catolicismo, há uma incorporação dos orixás aos santos católicos, resultando em conflitos como o supracitado. A Análise do Discurso Ecológica rechaça esta visão, porque em sua percepção não existe uma cultura superior a outra, e ainda nos instrui da necessidade de olharmos para o outro de forma humilde e solidária, mostrando que é de extrema importância a diversidade nos ecossistemas tanto biológicos quanto culturais

Palavras-chave: Diversidade, Intolerância religiosa, Sincretismo.

O IMAGINÁRIO NA CONTEMPORANEIDADE

Linaldo Souza da Silva
Graduando de Licenciatura em História /UEFS
E-mail: linaldosouza@ymail.com

Felipe Martins Oliveira Santana
Graduando de Licenciatura em História /UEFS
E-mail: felipe.iriss@yahoo.com.br

O presente texto objetiva discutir o que é o imaginário na contemporaneidade e como esse se forma na mente humana. Vale salientar que nessa abordagem se faz presente um notável problema filosófico de ordem epistemológica. Assim, partimos do pressuposto que a imagem de determinado objeto que se forma na mente não é o próprio objeto, mas apenas uma faceta dele. Essa imagem não se estrutura de forma passiva para quem a percebe, há um conjunto de ações mentais que a organiza, interpreta e atribui sentido. Percebemos que essa discussão que versa sobre a teoria do conhecimento é uma das mais presentes na filosofia de Immanuel Kant (1724-1804). Em termos kantianos, a imagem que possuímos de um objeto é formada a partir da relação sensível (objeto que nos afeta) e mental (categorização do objeto), pois o objeto em sua realidade última é inatingível, e isso por dois motivos: o primeiro é que por ser a imagem formada a partir de uma relação – objeto da afecção e sentido atribuído à afecção – ela sempre está carregada de subjetividade; o segundo motivo é como as imagens formadas na mente envolvem a subjetividade. Então, o conhecimento que obtemos sobre o mundo será de ordem fenomênica.

Palavras-chaves: Símbolo, Imagem e imaginário.

**O SENTIDO DO DISCURSO MATERNO FRENTE AO NASCIMENTO DE BEBÊS
COM MICROCEFALIA NO HOSPITAL INÁCIA PINTO DOS SANTOS
– FEIRA DE SANTANA/BA**

Áquila Thalita Sampaio Costa

Victória Letícia de Oliveira Pedreira Lima
Faculdade Nobre de Feira de Santana, Colegiado de Psicologia, Bahia.

Este estudo propõe analisar o sentido do discurso materno aliado a vertentes psicológicas que incidem no processo da maternidade, construindo um estudo interdisciplinar que apontem as possíveis integrações entre os saberes destas áreas de conhecimento. Durante o processo gravídico implicam-se fantasias e imaginações acerca de um bebê idealizado perfeito, e o nascimento de um bebê com malformação neurológica acarreta em uma sobrecarga psíquica intensa envolta da construção subjetiva materna. Considerando que na análise do discurso a afirmação do discurso é modificada de acordo com o atravessamento entre uma fronteira de um ou mais meios, buscaremos compreender qual o sentido do discurso materno frente ao nascimento de crianças com microcefalia. O estudo em pauta será desenvolvido em três etapas, a primeira terá como procedimento a coleta de dados de três recém-nascidos com microcefalia no Hospital Inácia Pinto dos Santos. A segunda etapa se dará através de estudo de textos pertinentes ao eixo temático, buscando concatenar ideias de autores da área como Michael Pêcheux, Eni Orlandi e Jacques Lacan, com o discurso materno das genitoras identificadas através dos prontuários. A terceira etapa buscará identificar as implicações psicológicas do discurso materno sobre o vínculo mãe e bebê diante do nascimento de crianças com microcefalia. Este trabalho integra um projeto em andamento no Hospital Inácia Pinto dos Santos, sem ter resultados para serem apresentados neste momento.

Palavras-chave: Discurso, Psicanálise, Malformação.

ANÁLISE DE DISCURSO DE UMA CENA DA TELENVELA ADOLESCENTE *MALHAÇÃO*, DA REDE GLOBO

Flávia Silva de Almeida

Graduanda do curso de Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias-Campus XXII, Euclides da Cunha. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID).

E-mail: flaviajere328@gmail.com

Raiane Santos de Souza

Graduanda do curso de Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas pela UNEB.

E-mail: gwerrosa@outlook.com

Ilza Carla Reis de Oliveira

Professora Orientadora. Mestranda em Estudos Linguísticos na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Atualmente é professora substituta na Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – Campus XXII, no Curso de Licenciatura em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas, no Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias.

E-mail: ilzacarla2301@hotmail.com

Este trabalho, intitulado *Análise de discurso de uma cena da telenovela adolescente Malhação, da Rede Globo*, tem como propósito analisar os ditos e não-ditos nos enunciados de um diálogo em cena da telenovela *Malhação: pro dia nascer feliz*, partindo da relevância de se analisar os discursos em busca de compreender os efeitos de sentidos gerados por estes. O texto é resultado de uma pesquisa de cunho bibliográfico e videográfico, assim como foi realizada a transcrição dos diálogos entre personagens em cena da telenovela adolescente. Utilizamos como aporte teórico Heine (2012), Orlandi (2012) e Silva (2008) para fundamentarmos as concepções que aqui defendemos. Com essa breve análise, concluímos que o discurso veiculado em cena apresenta efeitos de sentidos que podem conferir um teor machista e gordofóbico.

Palavras-chave: Análise de Discurso, Malhação, Rede Globo.

A NECESSIDADE DE INTERSECÇÃO ENTRE OS MOVIMENTOS SOCIAIS: UMA RELAÇÃO ENTRE ECOLINGUÍSTICA E SOCIOLOGIA

Anderson Nowogrodzki da Silva

Doutorando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília (UnB). Brasília, Distrito Federal, Brasil. E-mail: a.nowogrodzki2@gmail.com

Agência de fomento: CAPES.

Dentre tantas problemáticas dispersas pelo século XX e início do século XXI, ressaltam-se a desigualdade e o preconceito, seja em razão de gênero, etnia, sexualidade, ou religião. Esse complexo desarmonioso gera problemas sociais que mantêm e catalisam o sistema socioeconômico vigente (capitalismo), ressaltando a individualização e a competição em detrimento da vida em comunidade e da cooperação, que são valores basilares no campo de estudos da Ecolinguística, como proposta por Couto (2007). A insatisfação gerada por essas condições leva à formação de diferentes grupos sociais, que emergem em razão do senso de pertencimento, como afirma Viana (2017). A mobilização desses grupos é o que se chama de “Movimentos Sociais”. Apesar de objetivarem a igualdade social, a maior parte dos movimentos se centra em suas próprias demandas, buscando, paliativamente, atenuar os problemas que afetam o próprio grupo. Pensa-se, por isso, na necessária união por uma causa maior, que contemple as demandas em sua individualidade, mas que conduza a uma relação harmoniosa, de cooperação, buscando, inclusive, a igualdade de classes. Para isso, utilizam-se, como fundamentação teórica, os textos de Couto (2007; 2009; 2012) e Viana (2017) e de seus respectivos influenciadores, Naess (1992) e Marx (1987; 1989), objetivando desenvolver um estudo qualitativo que possa unir a metodologia materialista histórica/dialética ao prescritivismo e aos fundamentos basilares da Ecolinguística.

Palavras-chave: Movimentos sociais, Intersecção, Ecolinguística.

ECOLINGUÍSTICA COMO REPRESENTAÇÃO DISCURSIVA DECOLONIAL NO MATERIAL ESCOLAR DA EDUCAÇÃO PANKARARU

Vera Lúcia Santos Alves
IF-Sertão Pernambuco

Moab Duarte Acioli
Universidade Católica de Pernambuco

Intencionamos, com esta pesquisa, analisar a ecolinguagem como uma marca decolonial discursiva presente em materiais escolares produzidos no contexto da educação vivenciada pelo povo Entre Serras Pankararu, no sertão pernambucano. O arcabouço teórico-metodológico inicia-se com a Ecolinguística – estudo das relações entre língua e meio ambiente – sob a conceituação de Hildo Honório do Couto. Abordamos, ainda, Walter Mignolo e sua visão a respeito da colonialidade/descolonialidade do saber e do ser, que interfere na subjetividade, no processo de interações sociais. A Análise Crítica do Discurso também é utilizada como meio de estudo textual-discursivo, segundo Norman Fairclough, para quem a linguagem não é apenas uma forma de representação do mundo, mas também de ação sobre o mundo e sobre o outro. O *corpus* analisado se constituiu de materiais produzidos e utilizados nas escolas do povo Pankararu Entre Serras. Observou-se que o fortalecimento da educação decolonial, desenvolvida pelos Pankararu desde a estadualização das escolas das aldeias, tem, na linguagem, um relevante mecanismo de fortalecimento identitário, utilizando-se do resgate vocabular ligado a práticas culturais, sociais, econômicas e ritualísticas do povo. E essa relação meio-linguagem converge com a visão holística sobre as interações verbais que se dão no interior do ecossistema linguístico.

Palavras-chave: Ecolinguagem, Educação decolonial, Discurso.

PRÍNCIPIOS ECOCRÍTICOS E DISPOSITIVOS RIZOMÁTICOS DE SUBJETIVAÇÃO NO CONTO BURITI, DE GUIMARÃES ROSA

Jorge Alves Santana

Professor Pós-Doutor e membro permanente do Programa de Pós-Graduação
em Letras e Linguística, UFG

O narrador do conto *Buriti* (2013), de Guimarães Rosa, informa-nos, já no início da narrativa, que o protagonista Miguel retorna à fazenda do Buriti Bom, nas veredas de Minas Gerais, onde estivera ano antes e travara relação com a família rural que o acolhera. Eis o fragmento que abre tal universo ficcional: “Depois de saudades e tempo, Miguel voltava àquele lugar, à fazenda do Buriti Bom, alheia, longe. Dos de lá, desde ano, nunca tivera notícia; agora, entanto, desejava que de coração o acolhessem. Receava. Era um estranho; continuava um estranho, tornara a ser um estranho?” (ROSA, 2013, p. 72). Entre outros objetivos, Miguel deseja retornar à fazenda de Nho Galberto para se encontrar com suas filhas, Maria da Glória e Maria Behú, talvez com a finalidade de escolher uma delas para casamento. As duas lhe incitarão sensações e sentimentos complexos e heterogêneos, o que cria um móvel conflitivo dos mais centrais para tal enredo. Grande parte da narrativa é narrada enquanto o protagonista se encontra nessa viagem de retorno. Nesse território móvel da viagem, vemos o rapaz imerso na natureza vegetal, animal e mineral de Minas Gerais. Sua curiosidade e vinculação a essa natureza é singular, porque possui um caráter animista que o coloca de igual para igual com os demais seres. Sua curiosidade e empatia para os ecossistemas regionais tomam longas descrições ecocríticas, que é uma das estratégias ficcionais usuais de Rosa. Vejamos uma dessas imersões ecológicas do narrador: “Menos que a manhã não vinha longe, o fresquim frio, os galos pondo canto, o ar cheiroso dos Gerais se trazendo de todos os verdes, remolha da funda de orvalho a poeira das estradas, pesada como um reboco, e as vacas berrando, as cabras bezoando, no meio dos pios pássaros. Um frio sem umidade nenhuma, a gente aguentava sair sem roupa que fosse, par o livre, não tremia.” (ROSA, 2013, p. 67). Nesse contexto ficcional, ressaltamos o caráter ecocrítico quanto à formação constantemente em curso das subjetivações desse protagonista. Para isso, fazemos uso do referencial teórico de Glotfelty; Fromm (1996) para nos perguntarmos como os princípios da Ecocrítica aparecem e são desenvolvidos nessa narrativa. Tais autores baseiam seus estudos e análises com as perguntas de base: Que modalidades representacionais da natureza estão presentes na obra? Que funcionalidade a natureza exerce no texto? Soma-se a essas duas, outra que consideramos importante para esse estudo e que diz respeito diretamente à produção de subjetividades: a questão seria: Como a Ecocrítica redimensiona as concepções de sujeito? Ao lado desses autores de referência básica para esse campo de pesquisa, também usaremos Greg Garrard, com suas exemplares análises de tropos da Literatura Inglesa. Por fim, Também faremos uso do já clássico estudo de Félix Guattari, que é *As três ecologias* (2011). Com esse último referencial, pretendemos aproveitar dos vínculos entre a ecologia ambiental, a social e a pessoal, no objetivo de perceber a complexa, heterogênea e rizomática rede na qual o protagonista da narrativa de Rosa se insere e é conformado, em uma flutuante e dialética hierarquia existencial, na/pela rede coexistencial de suas mobilidades nas veredas mineira.

**LÍNGUA, SOCIEDADE E MEIO AMBIENTE: AS INTERAÇÕES
PESSOA-MUNDO E PESSOA-PESSOA**

Antonio Busnardo Filho (FMU)

Elza Kioko N. N. do Couto (UFG)

Maria Ivonetti B. Ramadan (BIBLIASPA)

A cidade foi criada para aconchego das pessoas, mas está fazendo exatamente o contrário. Tirou o homem do ambiente das feras e o transformou em feras num ambiente por ele próprio criado. Separou a cidade da natureza, por meio de muros. Os limites sempre existiram no imaginário, dando a sensação de pertencimento, mas agora estão desorganizando o cosmo criado com a intenção de progresso. Assim sendo, o objetivo desta comunicação é, partindo de ideias da antropologia do imaginário e da ecolinguística, tentar entender o que está se passando com o homem na cidade, distanciando-se cada vez mais de um contato direto com o mundo natural e se tornando prisioneiro do presídio que ele próprio construiu. Será examinado secundariamente também como se dá a interação entre as pessoas (relação organismo-organismo) nesse meio, não apenas as relações pessoa-mundo. Como todos sabemos, muitas dessas relações se distanciam muito da ideia ecolinguística de comunhão.

CONSCIENTIZAÇÃO PATRIMONIAL: PINTURAS RUPESTRES COMO REPRESENTAÇÃO DO IMAGINÁRIO PRÉ-COLONIAL

Ronny Costa Pereira

Universidade Estadual de Feira de Santana, Bolsista do Programa Arte com Pigmentos Naturais.

E-mail: pereiraronny@outlook.com

Nos estudos de ensino de História, a pré-história e a compreensão do patrimônio cultural que seus objetos representam é deixado nas margens do ensino, além de muitas vezes caracterizar a cognição desses sujeitos como primitivo. E os sítios rupestres da cidade baiana de Iraquara abrigam inúmeras manifestações artísticas dos chamados “povos pré-históricos”. E essa Arte Rupestre que é repleta de representações de pensamentos, práticas e significados daqueles que o fizeram, e apresentam rastros do imaginário das sociedades pré-coloniais. E em contraponto a essa ideia, o presente estudo busca suportes nas pinturas rupestres como representação do imaginário dos paleoíndios em relação ao meio ambiente em que se situavam e, propiciar reflexões para estudantes das escolas públicas a importância dos sítios arqueológicos nessa concepção das sociedades pretéritas. E por meio das concepções de Laplantine, em que a utilização, formação e expressão dos símbolos são o que constitui o imaginário e buscar compreender as formas que os desenhos rupestres auxiliavam esses indivíduos nos seus atos de interação e conhecimento com o ambiente. Os conceitos sobre arqueologia são pautados por Gabriela Martin, que se propõe analisar a cultura material deixada pelos povos pré-coloniais. E dessa forma, buscar a conscientização da importância cultural das Artes Rupestres por meios didáticos para a maior compreensão do imaginário dos paleoíndios.

Palavras-chave: Arte rupestre, Imaginário, Patrimônio.

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: AS PINTURAS RUPESTRES NAS AULAS DE HISTÓRIA

Johnadson de Jesus Vitoria

Graduando em Licenciatura em História pela UEFS

O presente artigo tem como objetivo investigar, a partir das aulas de História, o uso do conceito de patrimônio nas ações de Educação Patrimonial. Através da análise das oficinas realizadas no Colégio Estadual João Durval Carneiro, buscaremos compreender quais as ideias de patrimônio histórico que estes estudantes têm, intencionando em colaborar no processo formativo dos mesmos. Para André Luís Soares, o conceito de patrimônio contextualiza-se na existência do objeto, mesmo com o perigo da realização de “coleção de museológicos” sem sentido de preservação da memória. Essa proposta visa mostrar a diversidade existente, conservar esta memória na forma de lembrança e assegurar sua identidade. Tem-se aqui por finalidade, refletir sobre a importância de aulas de História que aproximem professores e alunos. O imaginário do aluno alcança inúmeras representações ao observar uma pintura rupestre. Propõe-se, com a criação das oficinas, levá-los além do teórico, e sim ao lúdico, onde possam, através do preparado de tintas, expressar as técnicas das Pinturas Rupestres como uma representação significativa para si, refletindo sobre a História local e preservação destes sítios e dos desenhos que são encontrados na região.

Palavras-chave: Educação Patrimonial, Pintura rupestre, Ensino de História.

PRODUÇÃO DE SENTIDO E IMAGINÁRIO NO ESTUDO DA ARTE RUPESTRE BAIANA

Marcos Vinicius Ribeiro Correia

Estudante do curso de Licenciatura em Letras vernáculas. Bolsista do

Projeto: Arte com pigmentos naturais da UEFS/Departamento de Letras e Artes.

E-mail: marcosvrc@outlook.com

Gemicrê do Nascimento Silva.

Professor e orientador do Programa “Arte com pigmentos naturais” e do

projeto “Olhando o Céu com História e Arte” pela UEFS/Departamento de Letras e Artes.

E-mail: gemicre@hotmail.com

A temática abordada em nossa pesquisa refere-se aos estudos de representações rupestres encontradas em diversos sítios arqueológicos em municípios da Chapada Diamantina, na região do semiárido baiano. Tendo como base registros feitos em viagens de campo a sítios arqueológicos na região da Chapada Diamantina e pesquisas bibliográficas acerca da temática da arte rupestre, da linguagem visual, produção de sentido e acerca do imaginário, buscaremos analisar os grafismos encontrados fomentando a hipótese de que estas pinturas figuravam um meio de comunicação para essas civilizações tendo, desse modo, a intencionalidade de expressar o que era visto e vivido como forma de mensagem imagética. Utilizando como base textos de teóricos, como Manguel (2008), Peirce (1978), Proust (1992), Laplantine e Trindade (1997), dentre outros, buscaremos analisar os grafismos rupestres dialogando com os estudos da produção de sentido e do Imaginário. Observando essas representações como símbolos, logo inferimos que sua interpretação passa pela questão do imaginário, uma vez que Peirce trabalha com a tríplice “signo, objeto referente e significado”. É o imaginário humano que irá criar hipóteses e situações para decodificar as imagens observadas.

O IMAGINÁRIO NA CONSTRUÇÃO DE IDEIA DE NÚMEROS

Iago Alves Almeida

Universidade Estadual de Feira de Santana – Graduando em Matemática.

Programa: Arte com Pigmentos Naturais. Bolsista PIBEX – Programa

Institucional de Bolsa de Extensão.

E-mail: iagoseixas2@hotmail.com

Pretende-se neste trabalho verificar as possibilidades da utilização do imaginário na percepção de possíveis contagens temporais utilizando as inscrições realizadas pelo homem do pretérito, encontrados no abrigo da Lapa do Sol na Chapada Diamantina no município de Iraquara. Entende-se que essas viabilidades humanas de contar vêm desde os primórdios, inicialmente sendo realizadas puramente a partir da visão e, uma possível ideia de quantidade que era registrada nos suportes rochosos e posteriormente transmitida para os seus descendentes. Estes pensamentos iniciais formam formalizados e hoje podemos associar aos elementos numéricos, tendo como referências as pinturas rupestres. Assim, na construção dos números naturais podemos comparar os elementos do nosso cotidiano, a uma representação rupestre simbolicamente. Para apoiar essa opinião, IFRAH (2010), aborda muito bem como os desenhos une-se com a matemática. Dessa forma, podemos concluir que as utilizações dos desenhos possibilitam uma aproximação do imaginário com o real, trazendo o lúdico para estimular o interesse, além de desenvolver a criatividade.

Palavra-chave: Contagem, Representação rupestre, Imaginário.

A METÁFORA E O PROCESSO DE NOMEAÇÃO DE PLANTAS MEDICINAIS: UMA ABORDAGEM ECOLINGUÍSTICA

Natália de Paula Reis
Universidade Federal de Goiás (UFG)
Programa de Pós-Graduação Letras e Linguística

Conforme nos revelam algumas palavras pertencentes ao léxico etnobotânico, como *erva-santa-maria* e *quebra-pedra*, a metáfora é uma maneira de conceptualizar as coisas do mundo e o léxico, nesse sentido, expressa a visão de mundo de determinada comunidade. Nesse contexto, este trabalho tem por objetivo, portanto, compreender esse fenômeno conceptual em relação ao conhecimento etnobotânico goiano. Para tanto, este estudo se embasa nos postulados teóricos da Ecolinguística de Couto (2016) e Couto, H. H. (2012b), nas abordagens sobre metáfora de Lakoff e Johnson (2002) e Ferrarezi (2010) e os trabalhos da área da Etnobotânica de Martin (1995), Amorozo (1996), Araújo (2014), e outros. Com base no referencial teórico, a análise dos dados toma a metáfora como um fenômeno conceptual e cultural, que reflete a interação organismo-organismo e organismo-mundo. O *corpus* da pesquisa se constitui por entrevistas realizadas com raizeiros da cidade de Nova Glória, situada a aproximadamente 200 km ao norte da capital, Goiânia. Notamos que as expressões metafóricas foram, na maioria das vezes, decorrentes ora da função terapêutica exercida pela planta, ora das suas propriedades físicas. Logo percebemos que é a partir do contato sensorial com a ‘coisa’ (planta) que ocorre a percepção e a construção dos sentidos (possíveis a partir da interação com o meio ambiente).

Palavras-chave: Metáfora, Ecolinguística, Etnobotânica.

SELF, UM IMAGINÁRIO TRANSCENDENDO EXPERIÊNCIAS HUMANAS NA EVOLUÇÃO DA LINGUAGEM VISUAL

Luciana Almeida dos Santos
Bacharelada em Geografia/UEFS.
E-mail: th.luciana@gmail.com

Gemicrê do Nascimento Silva/UEFS
Professor Me. Departamento de Letras e Artes/UEFS.
E-mail: gemicre@hotmail.com

Como uma fotografia que uma pessoa tira de si mesma – Self, contando apenas com o que dispunham e auxiliados dos pigmentos naturais, nossos antepassados na primeira história, principiaram essa revolução do nosso imaginário e nas nossas linguagens. Assim, estabeleceram uma revolução nos meios das linguagens visuais, uma sistemática maneira de comunicar suas ideias, sentimentos, através desses signos – produtos da consciência, das suas ações convencionais, gestuais etc. de um pensamento deliberado, processado mentalmente como fenômenos das elocuições. Certamente, como no passado, essa primeira forma da noção sobre si própria, atualmente recorremos às tecnologias para realizar nossos autos registros sem termos consciência disso. O real e o imaginário existem a partir das ideias, dos signos e dos símbolos que são atribuídos a essa realidade percebida e transmitida a gerações como nos apoia Carl Gustav Jung, um verdadeiro museu de órgãos, cada um com a sua longa evolução histórica e que nossa mente constrói através das referências impregnadas no nosso consciente ao passado por meio da linguagem e tradições culturais, desenvolvidas biologicamente por nossos ancestrais cuja sua pisque esteve próxima dos animais e seus arquétipos como “imagens primordiais” originadas de uma repetição progressiva de experiências durante muitas gerações, armazenadas no inconsciente coletivo percebido pelos sentidos.

Palavras-chave: Self, Antepassados, Linguagem visual.

PRÁTICAS DE ESCRITA NA PERSPECTIVA DO TAO DA LINGUAGEM: O USO DO GÊNERO *ENCARTE* NA CONSTRUÇÃO DE REDAÇÕES ESCOLARES

Roselei Camargo da Silva
Secretaria de Educação do Distrito Federal/
Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação do Campo

Rosimeri Paulino Lopes de Araújo
Secretaria de Educação do Distrito Federal

A obra *O tao da Linguagem: um caminho suave para a redação* propõe que o ensino de redações escolares parta do simples para o complexo, do concreto para o abstrato, isto é, do mundo para a linguagem (COUTO, 2012). A partir da abordagem deste livro, o presente trabalho apresenta um relato de experiência das aulas de Língua Portuguesa (práticas de escrita - redação) voltadas a estudantes do 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do Distrito Federal. As atividades pedagógicas foram realizadas a partir de um enfoque interdisciplinar, isto é, contemplaram além da Língua Portuguesa outras duas disciplinas, Geografia e História. As aulas partiram da leitura do gênero textual *encarte* (roteiros de turismo) a fim de propiciar aos estudantes a descoberta de novas realidades e contextos históricos relativos ao Brasil e ao mundo. Posteriormente, os alunos produziram redações escolares narrando sobre suas viagens (imaginárias) pelos roteiros escolhidos. A metodologia empregada apoiou-se em Couto (2012) e Rojo (2009), cuja bibliografia possibilitou a produção textual sob o enfoque do letramento como prática social.

Palavras-chave: *Tao* da linguagem, Redação escolar, Prática pedagógica.

TOPONÍMIA DE ACIDENTES GEOGRÁFICOS DO ALTO SERTÃO DA BAHIA

Valéria Batista Vilasboas

Estudante do curso de Especialização, Leituras: Linguagens, memórias e formação docente. UNEB, *Campus VI* – Caetité – Bahia.

E-mail: val.cte@hotmail.com

Ricardo Tupiniquim Ramos

Professor da Universidade do Estado da Bahia – UNEB *Campus VI*, Caetité, Bahia.

E-mail: tupinikim@ig.com.br

O espaço tradicionalmente denominado “Alto Sertão da Bahia” é uma vasta região geográfica que compreende três espaços mais definidos no conjunto da topografia baiana: a Serra Geral, o Planalto da Conquista e, ainda, parte da Chapada Diamantina, correspondendo, grosso modo, à região Sudoeste do Estado da Bahia. A descrição e a interpretação da toponímia dos acidentes naturais daquela região constituem objetos de estudo. Sabe-se que os acidentes geográficos possuem nomes peculiares e que o estudo de sua origem é de suma importância, haja vista que apresenta relevante conhecimento da história local. A toponímia sofre ameaça de desaparecimento pelo desuso com o distanciamento temporal, pois permanece apenas na memória de alguns de seus usuários. Dessa forma, o estudo foi feito sobre a toponímia dos acidentes geográficos do Alto Sertão da Bahia, com foco nos municípios de Caetité, Guanambi e Brumado com a consulta de mapas, levantamento dos nomes dos acidentes, pesquisa lexicográfica e descrição dos topônimos. O estudo desses nomes não circunscreve interesse ao âmbito acadêmico, pois provoca a curiosidade do povo em geral, que se interessa em saber a origem dos muitos topônimos dos acidentes geográficos do Alto Sertão da Bahia. Utilizando-se como base bibliográfica autores como Brito (2013), Dick (1990), Estrela (2003), Ramos (2008), Ullmann (1973), entre outros. Valendo-se do modelo taxinômico de Dick (1990), que cataloga o produto gerado, o topônimo, no nível sincrônico, foi perceptível que algumas categorias se sobressaem pela quantidade de elementos presentes, como, por exemplo, os fitotopônimos, que têm como referência a índole vegetal. Verifica-se, portanto, que os nomes dados aos acidentes geográficos oriundos da índole vegetal são de plantas predominantemente do Nordeste, pois o Alto Sertão apresenta a caatinga como vegetação predominante, concomitantemente, aos nomes identificados nos acidentes geográficos em âmbito de natureza física. Além de ficar clara a relação acidentes geográficos/plantas nativas, que são de grande relevância e muito utilizadas. Outro elemento predominante nas categorias toponímicas são os antropotopônimos, visto que tais designativos possuem uma relação direta com o contexto histórico, social, cultural de um povo. Os moradores têm a intenção de homenagear e/ou louvar alguma pessoa muito querida, alguém importante do local, ou até mesmo o dono da propriedade a qual havia o acidente geográfico, ocupantes do poder político, seja local, estadual ou nacional, religioso local, a Igreja enquanto instituição através dos santos, são processos continuamente comuns e que exercem ampla influência na vida da população.

Palavras-chave: Toponímia, Alto Sertão, Acidentes geográficos.

**SABER CUIDAR (ÉTICA DO HUMANO, COMPAIXÃO PELA TERRA):
APONTAMENTOS SOBRE ÉTICA E MORAL NUMA
PERSPECTIVA ECOLINGUÍSTICA**

Darto Vicente da Silva - UNEB

Gilberto Paulino de Araújo - UFT

O léxico comum e a etimologia dos termos "ética" e "moral" geram confusão, sendo que a primeira vem do grego *ethos*, que significa modo de ser, e a segunda tem sua origem no latim, que vem de *mores*, significando costumes. No entanto, os estudos contemporâneos concebem a *ética* como teoria ou reflexão do comportamento moral, comportamento este entendido como sistema de normas, princípios e valores, segundo o qual são regulamentadas as relações mútuas entre os indivíduos ou entre estes e a comunidade (VÁSQUEZ, 1999). Nesta direção, a *ética* tem por objeto a *moral* e utiliza-se de alguns princípios universais para teorizar sobre seu objeto de estudo, tais como: liberdade, consciência, responsabilidade moral, obrigatoriedade moral, dentre outros. Atualmente, a preocupação com o meio ambiente ou com os ecossistemas nos ajuda a incluir outros princípios da *ética*, entre os quais se destacam: o cuidado, a interdependência, a sustentabilidade (BOFF, 1999; COUTO, 2007; ARAÚJO, 2012). Consideramos, assim, que a junção dos princípios tradicionais da *ética* com os princípios ecológicos podem possibilitar não somente a reflexão, assim como a adoção de práticas que expressem, de maneira macro, a preservação do planeta; e numa perspectiva micro, o cuidado entre os seres humanos (BOFF, 1999; 2012). A compreensão de que esses princípios devem passar pelo crivo da crítica e serem adquiridos pela força do hábito é fundamental para preservação dos ecossistemas, elementos estes que justificam o presente estudo, voltado às reflexões atuais sobre a *ética* e seu objeto de estudo, numa perspectiva teórico-metodológica da Ecolinguística.

Palavras-chave: Ética, Moral, Princípios ecológicos.

O DISCURSO DO AGRESSOR DE MULHERES EM FEIRA DE SANTANA: UMA ANÁLISE SOB A PERSPECTIVA DE MICHEL FOUCAULT

Tâmara Andreucci Dias de Oliveira

Carla Luzia Carneiro Borges

Suani de Almeida Vasconcelos
Universidade Estadual de Feira de Santana,
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos.

O presente trabalho tem como objeto de pesquisa o discurso do agressor de mulheres. O referencial teórico é composto das teorias acerca da Análise do Discurso de Linha Francesa. Desta forma, os trabalhos de Eni Orlandi, Maria do Rosário Gregolim, entre outros, terão destaque. Ademais, os estudos de Michel Foucault nortearão de forma particular, tendo em vista que as concepções de biopoder e biopolítica garantirão o viés epistemológico a ser desenvolvido. O percurso da pesquisa contará ainda com o aprofundamento acerca do conceito de masculinidade. Nesta seara, tem-se Pierre Bourdieu em sua obra “A dominação masculina”; Raewyn Connell, conhecida por ter apresentado o conceito de “masculinidade hegemônica”. A legislação relativa ao tema será evocada para compreensão da ação protetiva do Estado em relação às mulheres vítimas de agressões. A pesquisa de natureza qualitativa dar-se-á a partir do método arqueológico desenvolvido por Foucault, a partir das regularidades, simultaneidades, liames que possam ser observados nos discursos dos agressores de mulheres. Este trabalho integra uma pesquisa em andamento no Programa de Mestrado em Linguística da Universidade Estadual de Feira de Santana, não tendo, portanto, resultados a serem apresentados neste momento.

Palavras-chave: Discurso, Violência, Michel Foucault.

REPRESENTAÇÕES DO CORPO FEMININO NA REVISTA BOA FORMA: UM ESTUDO DO DISCURSO NA PERSPECTIVA DA ADE

Cláudia Borges de Lima Araújo
UEFS, Programa de Pós-Graduação Letras e Linguística.

Este trabalho visa observar e analisar, pelo viés da Análise do Discurso Ecológica, as representações discursivas do corpo feminino dinamizadas pela revista Boa Forma, buscando compreender de que modo elas se movimentam em sociedade e influenciam a vida de uma parcela da população feminina. Diante da leitura de revistas especializadas na busca por um corpo esteticamente bonito (segundo os padrões da sociedade contemporânea), voltadas para o público feminino, surgiu o interesse em contrastar os discursos em diferentes épocas. Em virtude dessa inquietação e por sua representatividade no mercado, escolheu-se, como corpus de análise, a revista Boa Forma e, tendo como base o periódico de 2017, pensou-se em qual seria a diferença entre o modo como o corpo era visto nas décadas de 90 e 2000. Sendo assim, propõe-se criar, por meio deste trabalho, um panorama histórico e discursivo dos modos de dizer sobre o corpo feminino, promovendo um estudo histórico/comparativo. A coleta de dados será feita nos editoriais da revista, bem como nas chamadas e nas imagens da capa. Além disso, será utilizado o método da focalização, ou seja, o recorte de dado campo de interações (ecossistema linguístico), mas sem desprezar o todo (as múltiplas relações estabelecidas na sociedade) (GARNER, 2004). A Análise do Discurso Ecológica, por ser uma disciplina multimetodológica (COUTO; ALBUQUERQUE, 2015), pode lançar mão de outras teorias na medida em que se fizer necessário, como é o caso da biologia, em relação aos problemas que podem ser causados pelo excesso de exercícios. Pensando nessa proposta, percebe-se que as discussões acerca desse assunto vêm ganhando proporções significativas na sociedade, na medida em que o culto ao corpo se tornou sinônimo de estilo de vida e de busca pela perfeição. Pensa-se nos motivos pelos quais as academias estão abarrotadas de mulheres em busca de conseguir um corpo idealizado, num ambiente que, arquetonicamente, retoma os espaços religiosos em que o ídolo tem um lugar privilegiado, como no caso da abundância de espelhos que suscitam a adoração dos corpos. Além disso, as práticas e modos de interagir na contemporaneidade reforçam esse culto, pois existem, inclusive, redes sociais voltadas para a visualização e exposição do corpo. Objetiva-se, portanto, comparar as representações discursivas dos corpos femininos nos anos de 1997 – 2007 e 2017, entendendo o corpo como uma forma de comunicação, pois, por meio dele, o ser humano pode compartilhar sentimentos, emoções e influenciar o comportamento de outras pessoas, produzindo sentidos. Buscar-se-á mapear esses discursos para entender sua dinâmica e as formas de interagir que a revista estabelece com a leitora, refratando-as em seu corpo (a partir da rede de sentidos que se constitui em seu ecossistema linguístico). Como fundamentação teórica será utilizada a Análise do Discurso Ecológica, uma ramificação da Ecolinguística, que analisa todo e qualquer fenômeno linguístico de maneira integral, tratando as interações comunicativas que se dão no seio do ecossistema linguístico (um povo, vivendo em um território e interagindo verbalmente), compreendendo o ecossistema natural, o ecossistema mental e o ecossistema social. A Análise do discurso Ecológica (ADE) surgiu a partir da Linguística Ecológica (Ecolinguística praticada no Brasil), sendo uma disciplina que tem como fonte de inspiração a visão ecológica de mundo, pois parte da ideologia da vida, tendo suas bases na Ecologia profunda, de Arne Naess (1973). Segundo Couto (2015), a ADE procura defender o equilíbrio de um ecossistema de modo a impedir o sofrimento evitável. Por isso, este trabalho não se resume à análise, mas será prescritivo na medida em que irá propor formas de evitar os

sofrimentos que possam estar relacionados ao culto ao corpo, à busca por um padrão estético idealizado. Por meio dessa perspectiva, pretende-se compreender as interações discursivas que modificaram o comportamento de uma parcela da população feminina na contemporaneidade e os modos de representar o corpo feminino.

Palavras-chave: Interação, Corpo feminino, Saúde.

O MEIO AMBIENTE ESPIRITUAL: UM POSSÍVEL NOVO LUGAR PARA A LOUCA DA CASA

Genis Frederico Schmaltz Neto

UnB – Programa de Pós-Graduação em Linguística – Doutorado; CNPq.

E-mail: gfschmaltz@gmail.com

Este estudo visa apresentar e discutir o conceito de meio ambiente espiritual (SCHMALTZ, 2017), cunhado a partir da necessidade de se estudar a teoria do imaginário de linha durandina em consonância à ecolinguística praticada no Brasil. Com suas bases teóricas enraizadas em Capra (1991), Durand (2002) e Couto (2007), encontra-se uma nova perspectiva sobre a tríade ecossistêmica L-P-T que passa a admitir que os meios ambientes mental, social e natural não contemplam de forma satisfatória os fenômenos religiosos e seus aspectos espiritualistas. O que se tem nesse meio espiritual é uma Linguagem (L) que se manifesta por meio de rituais, em um Povo (P) que experiencia a interação, fixo em um Território (T) governado por uma moral. Para comprovar o que se apresenta, analisa-se o Vale do Amanhecer, de modo que as interações entre eu-tu, F1>F1 se tornam palco para que os símbolos façam morada em um outro eu-tu, isto é, na comunidade Vale do Amanhecer, os meio ambientes que compõem o ecossistema fundamental da língua parecem não terem em suas categorias de análise indícios suficientes para lidar com a questão da transposição durante a interação, do falante para seus damons F1>F1.1, na maioria, pretos-velhos.

Palavras-chave: Meio ambiente espiritual, Rituais, Símbolos.

A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO NA MÚSICA E NA POESIA: UM OLHAR SOBRE CHICO BUARQUE, ROBYSSÃO E ANA LUISA AMARAL

Carla Ribeiro Cerqueira
Graduanda em Letras com Espanhol/UEFS.
E-mail: caralespanhol1@gmail.com

Susy Mara Ribeiro Cerqueira Pereyra
Graduanda em Letras com Espanhol/UEFS.
E-mail: susyribeiro1810@gmail.com

Andréa Silva Santos
UEFS. E-mail: deaanita@hotmail.com

O presente trabalho apresenta o resultado de uma análise comparativa, relacionando música e poesia, para discutir a representação do feminino. Partimos da canção poematizada “Essa moça tá diferente” (1969), do músico, dramaturgo e escritor Francisco Buarque de Hollanda, mais conhecido como Chico Buarque, e da música “Tudo puta” (2015), do cantor e compositor Robson Costa, chamado de Robyssão. Paralelamente a estas discussões, a leitura ainda contempla o poema “Desculpa-me a ternura” da poetisa portuguesa Ana Luisa Amaral. Em se tratando das músicas, são universos bastante diferentes. Chico Buarque retrata em sua canção a mulher comum, muitas vezes fragilizada e humilhada, mas capaz de reconstruir-se em meio às imposições e hipocrisias de uma época machista e preconceituosa. Diferentemente, Robyssão trabalha com estereótipos, mostra uma mulher submissa, vulgar e incapaz, sancionando à mesma uma posição de inferioridade diante de uma sociedade que parece não reconhecer valores, respeitar os sujeitos, provocando atitudes que não dignificam a mulher, e sim a submetem a julgamentos preconceituosos que a classificam como santa ou puta. Em Ana Luisa Amaral, encontramos a mulher como vítima da repressão da sociedade. A pesquisa é qualitativa, de cunho bibliográfico, envolve a análise comparativa e a discussão de pressupostos teóricos de autores, como Guacira Lopes Louro (1997), Kalina Vanderlei e Maciel Henrique (2006), Kátia Guedes de Oliveira e Cristina Melo (2015).

Palavras-chave: Mulher, Música, Poesia.

EPITÁFIOS: EXPRESSÃO DO IMAGINÁRIO FLORESTANO NA LITERATURA FÚNEBRE

Lara de Oliveira Novaes

Nara Menezes Gomes de Assis

Vera Lúcia Santos Alves
IF-Sertão Pernambucano
E-mail: laranovaes70@gmail.com

O objeto desta pesquisa é analisar como a sociedade florestana expressa, através dos epitáfios, sua concepção de mundo, vida e morte, considerando aspectos identitários da estrutura social da cidade. Baseamo-nos na teoria-epistemológica do Imaginário de Gilbert Durand, observando a dinâmica discursiva social, em suas produções individuais representativas do imaginário cultural flagrante no texto de lápides. Utilizamos a Análise Crítica do Discurso, de Norman Fairclough, cujo quadro tridimensional de análise propõe considerar o texto, o discurso e a prática social desse discurso, para realizar o estudo da literatura das lápides. O *corpus* da pesquisa se constitui de epitáfios expostos no cemitério da cidade de Floresta, sertão pernambucano. É possível observar que os textos fúnebres se mostram efetivos produtores de sentidos sociais, relacionados à identidade da população florestana, reiterando conceitos que estruturam e reproduzem a sociedade historicamente. Também se nota a irrefutável condição simbolizadora do indivíduo em suas experiências com o imaginário, construindo, sob forma de discurso, o adensamento cultural de uma coletividade.

Palavras-chave: Imaginário, Lápides, Discurso.

A RESSIGNIFICAÇÃO ARQUETÍPICA DA MORTE E SUA POLISSEMIA NA OBRA TEATRAL DE ARIANO SUASSUNA

Pablo Diego Dias de Souza
UEFS. E-mail: pablo.dias22@outlook.com

Andréa Silva Santos
UEFS. E-mail: deaanita@hotmail.com

Este artigo tem como objetivo mostrar a resignificação da morte através da polissemia presente nos textos como elemento necessário na ação teatral no que diz respeito ao desfecho das personagens. Através de pesquisa bibliográfica nas obras *A pena e a lei* (2005) e *O auto da Compadecida* (2002) do autor paraibano Ariano Suassuna, podemos encontrar uma semelhança estrutural nas duas peças em que o autor trabalha o desenlace das personagens, através do processo de julgamento das mesmas logo após o desencarne. O autor se vale do elemento “a morte” e suas significações diante das culturas vigentes para trabalhar de forma didática a plateia, em que consciente ou inconscientemente, vai se reconhecendo nas personagens e em suas situações bufonescas em busca da moralidade já perdida no convívio com o profano terreno. Com base na leitura de textos sobre teatro, linguagens e literatura comparada, consegue-se construir uma análise contrastiva sobre a visão da morte e a visão criada pelo próprio autor. Entre os textos lidos, tem-se a contribuição dos artigos: *Apropriação do discurso e ambivalências na obra de Ariano Suassuna*, da autora Romina Quadros Borba (2011); *Literatura e Almanques: Ariano Suassuna e os modos alternativos de inserção do popular e do nacional na mídia*, de Amílcar Almeida Bezerra (2007); *O teatro como metáfora e alegoria da vida: a pena e a lei de Ariano Suassuna*, de Elisabete dos Santos Fiedler (2010). Além da leitura obrigatória dos livros: *Literatura Comparada*, de Tânia Carvalhal (2006); *A arte poética de Aristóteles* e *A ordem do discurso*, de Michel Foucault (2007 e 1996, respectivamente).

Palavras-chave: Literatura Comparada, Teatro, Ariano Suassuna.

REFLEXÕES SOBRE A SUBMISSÃO FEMININA EM *CLARA DOS ANJOS*, DE LIMA BARRETO

Andréa Santos Costa Alexandre Pedrosa
Graduanda em letras Vernáculas/UEFS
E-mail: anndrea.pedroza@gmail.com

Andréa Silva Santos
UEFS. E-mail: deaanita@hotmail.com

Este trabalho tem como objetivo apresentar o resultado de uma leitura crítica sobre a condição feminina, partindo do romance *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto, publicado em 1948. A obra narra a história de desilusão sofrida por Clara, que é seduzida e enganada pelo inescrupuloso Cassi Jones, somando mais uma das conquistas do “malandro”, o qual via em algumas moças o estigma da ingenuidade, território propício para suas hábeis investidas. Barreto traça de maneira contundente o perfil das moças de origem humilde em meados do século XX e se dispõe a analisar o imaginário que concebe a mulher negra e pobre como submissa no bojo de uma cultura marcada pelo preconceito sociorracial e a educação patriarcal. O autor apresenta os transtornos enfrentados por Clara dos Anjos, mostrando o quanto ela é “incapaz” de refletir sobre a sua real condição sendo vítima de uma sociedade opressora e que limita as pessoas a depender do grupo étnico, social a que pertencem. Esta pesquisa tem caráter qualitativo, cunho bibliográfico, envolvendo uma metodologia que parte da leitura e análise do romance, dialogando com pressupostos teóricos de autores que discutem o feminino e com críticos da Literatura Brasileira. Citamos Mary Del Priore (1993), Carla Bassanezi e Joana Maria (2012), organizadoras da obra *A nova história das mulheres no Brasil*; Simone de Beauvoir (1980), Alfredo Bosi (1994) e Antonio Candido (1999).

Palavras-chave: Submissão feminina, Clara dos Anjos, Lima Barreto.

O USO DE PREPOSIÇÕES EM REDAÇÕES DE VESTIBULARES SOB A PERSPECTIVA HOLÍSTICA DA ECOLINGUÍSTICA

Lajla Katherine Rocha Simião
Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras,
Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística
E-mail: lajlakatherine@hotmail.com

O objeto desta pesquisa, as preposições, desempenha um papel fundamental na comunicação. Elas estabelecem relações lógicas entre os elementos da língua, sendo peças indispensáveis da estrutura linguística (BORBA, 1971), fato que nos despertou o interesse em pesquisá-las. Assim, objetivou-se investigar como se dá nas produções textuais o uso das preposições a partir da visão holística da Ecolinguística. Para tanto, selecionamos como *corpus* 40 redações referentes aos vestibulares da UFG. Como aporte teórico, utilizamos da Ecolinguística, que é o estudo das interações da língua no interior dos ecossistemas natural, mental e social, onde surgiu a Ecologia das Relações Espaciais, de acordo com a qual todas as preposições se reduzem à espacialidade, bem como as temporais e as nocionais. Metodologicamente, assumimos uma postura ecológica ao adotarmos as perspectivas onomasiológica e semasiológica. A primeira vai do referente em direção à palavra que designa e a segunda da palavra em direção ao referente. Foi possível observar que as preposições possuem uma significação própria. Portanto, o uso espacial é seu sentido prototípico que serve como ponto de partida para a evolução e a ampliação semasiológica das preposições, de modo que os demais sentidos são resultados desse processo. Isso demonstra que somente a dialética entre a onomasiologia e a semasiologia é capaz de dar conta, holisticamente, dos diversos usos que as preposições apresentam como Couto (2012) já afirmava.

Palavras-chave: Preposições, Ecolinguística, Onomasiologia e Semasiologia.

**CORPO-MULHER, CORPO LINGUAGEM: A ESCRITA DA INTIMIDADE EM
“ARS POÉTICA”, DE MYRIAM FRAGA**

Andréa Silva Santos
UEFS, Departamento de Letras e Artes.
E-mail: deaanita@hotmail.com

A nossa proposta de trabalho apresenta o resultado de uma análise sobre o posicionamento da figura feminina, no processo de escrita, que se delinea a partir do corpo físico e do corpo linguístico, a que chamamos corpo-mulher e corpo-linguagem, configurando uma escritura da intimidade. Escolhemos como corpus literário o poema “Ars Poética”, que está na obra *Poesia Reunida*, da escritora Myriam Fraga (2008). Observamos que há uma junção entre Poesia e Mulher, uma espécie de transmutação entre palavras e embriões, deslocamento da linguagem, transposição de sentidos. Em suma, o poema coloca-se como um espaço de metáforas e permite a reflexão no tocante ao exercício lírico, que evoca a presença do feminino e o seu agir como aquela que recria outras realidades; problematiza imaginários; atravessa fronteiras e adentra um espaço tido como masculino durante muito tempo. A nossa abordagem é qualitativa, de cunho bibliográfico, compreende uma metodologia que envolve a leitura e análise do poema; a discussão de textos teóricos que tomam como pressupostos a condição da mulher, a escritura do corpo feminino; o universo lírico como lugar do estético e território de posicionamento sobre questões que perpassam a experiência dos sujeitos. Entre os autores, citamos Simone de Beauvoir (1987), Anailde Almeida (2010), Virgínia Woolf (1997), Lúcia Castelo Branco (1989), Antoine Compagnon (2012), Roland Barthes (1989), Mary Del Priore (2007), Carla Bassanezi Pinski e Joana Maria Pedro (2012).

Palavras-chave: Mulher, Linguagem, Myriam Fraga.

REPRESENTAÇÕES DA HOMOSSEXUALIDADE PRESENTE EM “O CORTIÇO” ALUÍSIO AZEVEDO

Andréa Santos Costa Alexandre Pedrosa
Graduanda em Letras Vernáculas/UEFS
E-mail: anndrea.pedroza@hotmail.com

Rosana Patrício
UEFS. E-mail: rosanapatri@gmail.com

As relações afetivas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo sempre estiveram presentes na esfera estrutural da sociedade, ao longo de toda história da humanidade. O presente trabalho se dispõe a analisar o modo como o homossexual Albino é representado no romance, “O Cortiço” de Aluísio Azevedo, livro publicado em 1890. Notamos na narrativa como a homossexualidade é tratada de forma equivocada no romance naturalista. Essa pesquisa é de caráter descritivo e qualitativo, de natureza bibliográfica, abrange pressupostos de teóricos como Bosi (2006); Foucault (2007) e Moisés (2004) que ajudam na compreensão do tratamento de questões da sexualidade homoafetiva, além da constatação do perdurar de um discurso de exceção e de enquadramento dos homossexuais, analisados como “pervertidos” e “doentes psiquicamente afetados”.

Palavras-chave: Aluísio Azevedo, Naturalismo, Homossexualidade.

O CABELO AFRO E SUAS REPRESENTAÇÕES NAS LETRAS DE MÚSICAS POPULARES BRASILEIRAS

Júlia Barreto Lula

Especialista em Linguística Aplicada na Educação,

Mestranda do programa Mestrado profissional em Letras - Profletras

UNEB, *Campus V*.

E-mail: rofjubarreto@yahoo.com.br

O presente trabalho possui o objetivo de apresentar as diversas nuances e simbologias que o cabelo crespo que tem sido retratado nas letras musicais brasileiras, principalmente nas músicas que pertencem ao Axé Music. Segundo Pierson (1945), o tipo de cabelo assume um caráter classificatório na sociedade e definidor do papel em que o sujeito assume no meio social. Gomes (2010) ressalta que dos anos 20 aos 50 o cabelo afro passou a ser usado para atestar a inferioridade racial do negro em relação ao branco e essa definição perdura até os dias atuais. Sendo assim, tomamos como análise uma música da década de 80 “Olha a negra do cabelo duro” do cantor e compositor Luís Caldas e “Meu cabelo duro é assim” do cantor e compositor Bel Marques, gravada em 2012. Perceberemos, desde então, a significação e conotação pejorativa nas letras analisadas em questão. Hall (2014) justifica essas diferenças como uma crise identitária na atual conjuntura social, crise advinda dos efeitos perversos da globalização. Apesar de que o território baiano ser um espaço multirracial por natureza histórica, temos duas músicas que carregam relações étnico-raciais divergentes, mesmo sendo compostas por músicos de uma mesma origem geográfica. Gomes (2010) afirma que a sociedade tem camuflado o preconceito racial com falsas representações de aceitação a raízes africanas.

Palavras-chave: Cabelo, Identidade, Música popular, Racismo.

REPRESENTAÇÃO DO IMAGINÁRIO NO CONTO “O ESPELHO”, DE MACHADO DE ASSIS

Sheila Cardoso dos Santos
Graduanda em Letras Vernáculas/UEFS.
E-mail: sheila_jobecar@hotmail.com

Tanaytana Jesus da Silva
Graduanda em Letras Vernáculas/UEFS.
E-mail: taymix@hotmail.com

Numa perspectiva geral, este trabalho tem como objetivo explorar aspectos do imaginário no conto O Espelho, de Machado de Assis. Faz-se necessário a reflexão de como se dá a construção do imaginário no personagem principal, Jacobina e também da crise de identidade e de pertencimento que vive esse rapaz, que antes era visto como uma pessoa comum, humilde e sem visibilidade por não possuir status social, porém, depois de certo tempo, ele é nomeado numa patente militar e a partir daí, as pessoas passam a idealiza-lo como Alferes, seu nome de guerra, e cria-se a imagem de um homem importante somente pela condição social que ele passa a ocupar. O homem real, o próprio Jacobina, é esquecido e se torna agora Alferes, como se Jacobina nunca tivesse existido, uma nova vida o segue e sua essência é esquecida, visto que ele começa a adquirir os discursos do imaginário social e não o pessoal. As contribuições teóricas utilizadas para o desenvolvimento deste trabalho autores como Jorge Araújo e Zygmunt Bauman, François Laplatine e Stuart Hall.

Palavras-chave: Imaginário, Crítica Social, Identidade.

LITERATURA E MÚSICA: UM DIÁLOGO ENTRE O POEMA “O SENTIMENTO DE UM OCIDENTAL”, O CONTO “CIVILIZAÇÃO” E A MÚSICA “PACATO CIDADÃO”

Valmira Silva Almeida
Graduanda em Letras com Espanhol.
E-mail: valmirasilva_almeida@hotmail.com

Andréa Silva Santos
UEFS. E-mail: deaanita@hotmail.com

Este trabalho apresenta, por meio da Literatura Comparada, o resultado de uma análise sobre aspectos que perpassam a escola literária conhecida como Realismo, partindo do conto “Civilização”, de Eça de Queirós, do poema “O Sentimento de um Ocidental”, de Cesário Verde, e da música “Pacato Cidadão”, da banda Skank. A análise desenvolve uma leitura crítica dos textos, volta-se para a sociedade em momentos distintos, resalta mazelas sociais e problemas que os sujeitos enfrentam. A música atua como uma provocação ao indivíduo sobre sua condição, já que, muitas vezes, ele é uma das peças da engrenagem para o desenvolvimento de um sistema opressor, que condiciona muitos indivíduos a uma vida com poucas perspectivas. Por outro lado, a narrativa e o poema também problematizam algumas questões enfrentadas pelo sujeito frente ao espaço em que está inserido. Em alguns casos, o indivíduo parece passivo, acomodado e é incapaz de lutar contra as imposições. A nossa proposta reafirma ideias defendidas pela Teoria da Literatura quanto à atemporalidade da obra literária, bem como a sua capacidade interdisciplinar e intertextual, comprovando que a literatura refrata e reflete os diversos contextos sociais e históricos. A pesquisa tem caráter qualitativo, cunho bibliográfico, envolve a análise comparativa e dialoga com as ideias de autores como Massaud Moises (1994), Zigmunt Bauman (1999), Alana Freitas El Fahal (2012), Tércia Valverde (2014), Aleilton Fonseca (2000), dentre outros.

Palavras-chave: Literatura, Música, Sociedade.

A BÍBLIA SEGUNDO KAREL ČAPEK: IMAGINÁRIO E INTERTEXTO

Jaciene de Andrade Santos
Universidade Estadual de Feira de Santana,
Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários

Dentre as produções culturais do Ocidente, a Bíblia compõe o acervo simbólico a que recorremos quando significamos o mundo, sendo uma das bases da nossa formação mental de origem judaico-cristã, desde a regulação de parâmetros morais até determinadas concepções de organização social. Ao longo da história literária, a presença bíblica tem se mostrado dialógica, já que a ficção a reelabora como estratégia para ler a nós mesmos, revisando ou questionando nossas certezas. Neste trabalho, objetivamos verificar intertextos bíblicos no livro *Histórias Apócrifas*, do escritor tcheco Karel Čapek (1890-1938). Publicado postumamente em 1945, o livro reúne contos que provocam criativamente novos olhares diante de personagens e narrativas históricas, literárias e míticas. Através de pesquisa bibliográfica, utilizamos o conceito de intertextualidade proposto por Julia Kristeva (1984) e o dialogismo bakhtiniano para realizar a leitura crítica dos contos, considerando o processo intertextual como um articulador do imaginário, o qual, enquanto sistema dinâmico de organização de imagens, segundo J. Thomas (1998), pode ser recriado, transformado. Dentre os 29 contos do livro, 10 apresentam reelaborações bíblicas, nos quais observamos um deslocamento irônico de pontos de vista que relativiza pretensas verdades absolutas, evidenciando, no antigo e no moderno, a permanente pulsão do humano.

Palavras-chave: Bíblia, Imaginário, Intertexto.

A REPRESENTAÇÃO DA CORPORALIDADE MASCULINA DO PERSONAGEM SUPER MAN NA PERSPECTIVA DO ETHOS DISCURSIVO NAS HQS DA LIGA DA JUSTIÇA

Maurício de Oliveira Santos

Suani de Almeida Vasconcelos
UEFS/Departamento de Letras e Artes.

Este artigo tem o objetivo de verificar de que forma a análise do ethos em torno do personagem Super Man pode contribuir para a compreensão da corporalidade e do ethos discursivo, a partir da observação das representatividades masculinas nas HQs. Os homens que são representados nas HQs dar-se-ão a partir das ações heroicas que também denunciam a persuasão do corpo masculino, bem como o seu vestuário. Sendo assim, optou-se trabalhar com o uso de Histórias em Quadrinhos (HQ), por entender que este gênero textual se constitui como elemento de grande importância de expressão da identidade de um determinado grupo social. Ademais, as HQs são uma excelente ferramenta de pesquisa, que podem ser utilizadas no auxílio do ensino e aprendizagem para análises do ethos em torno dos quadrinhos. O suporte teórico que conduz as reflexões aqui reunidas percorre o repertório dos autores, como Aristóteles (2005), Amossy (2011), Brandão (1995), Higuchi (1997), Maingueneau (2001), Motta e Salgado (2008), Orlandi (2007) e Pêcheux (1995). A metodologia usada foi a da pesquisa bibliográfica descritiva como procedimento técnico para analisar os documentos, tais como: revistas em quadrinhos, tirinhas, textos e imagens que são utilizados na materialidade linguística imagética das HQs. Apresentar os resultados da experiência da análise do ethos masculino nos personagens tidos como super-heróis na revista em quadrinho da Liga da Justiça. Observando a compreensão do ethos discursivo, apresentaremos alguns exemplos de personagens que utilizam aspectos persuasivos para enunciar a sua imagem.

Palavras-chave: Corporalidade, Enunciação, Ethos.

O CONTROLE MORAL NA SAGA STAR WARS: DIÁLOGOS ENTRE MICHEL FOUCAULT E GILBERT DURAND

Elza Kioko Nakayama Nenoki Couto
Universidade Federal de Goiás (UFG), Faculdade de Letras,
Programa de Pós-Graduação em Linguística. Goiânia, Goiás, Brasil.
E-mail: kiokoelza@gmail.com

Anderson Nowogrodzki da Silva
Doutorando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da
Universidade de Brasília (UnB).
E-mail: a.nowogrodzki2@gmail.com
Agência de fomento: CAPES

Zilda Dourado
Doutoranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da
Universidade Federal de Goiás. Professora da Universidade Estadual de Goiás (UEG) -
Campus Quirinópolis, no curso de Letras – Português/Inglês. Quirinópolis.
E-mail: zildadourado18@gmail.com

O presente texto analisa o dispositivo de controle moral em relação ao mito do anjo caído na história da personagem Anakin Skywalker/Darth Vader, da saga Star Wars. Este estudo se fundamenta na confluência teórica entre a teoria do discurso, de Michel Foucault, e a Antropologia do Imaginário, de Gilbert Durand, a fim de analisar as materialidades discursivas e míticas da saga Star Wars, de George Lucas, de modo a demonstrar a inversão dos valores de bem e de mal presentes nessa obra fílmica. Para tanto, efetiva-se um estudo qualitativo de cunho interpretativista, em que se analisam as marcas discursivas e os símbolos obsessivos que permeiam o objeto de análise, evidenciando que efeitos de sentido possíveis podem ser extraídos da materialidade. Embora as trilologias que compõem a saga tenham ficado muito conhecidas por atualizar a jornada do Herói de Joseph Campbell, este trabalho demonstra outros efeitos de sentido ao explicitar traços do mito de Hefesto e de Dionísio, em oposição a Apolo, que compõem a personagem Anakin Skywalker em sua trajetória de transformação em Darth Vader, quando atualiza o mito do anjo caído. Portanto, este estudo propõe um novo olhar para a saga Star Wars, bem como para os estudos do discurso e do mito.

Palavras-chave: Dispositivo, Mito, Star Wars.

**O ENTRELAÇAMENTO ENTRE O ERÓTICO E O DEMONÍACO:
A CONSTITUIÇÃO DA IMAGEM MULHER/BRUXA NO IMAGINÁRIO
MEDIEVAL EM “O ESPELHO DAS ALMAS SIMPLES”**

Samuel de Sousa Silva
PPLL/UFG - GO/CNPQ Imaginário e literatura

Condenada em 1310 como “herética recidiva, ‘relapsa’ e impenitente” e queimada na fogueira, Marguerite Porete escreve a primeira obra mística da França intitulada *O espelho das almas simples*. Nessa pesquisa, procuraremos reconstituir a imagem da mulher herética, vislumbrando no texto a constituição dessa imagem pela intertextualidade do texto com o livro O cântico dos cânticos da Bíblia hebraica, considerado pelos especialistas um típico cântico nupcial do antigo oriente mesopotâmico, literatura de cunho erótico. E também a sua poesia que expressa uma relação intimista entre a autora e seu deus dispensando a mediação da igreja nessa relação. A fim de alcançar a reconstituição dessa imagem, utilizaremos da heurística da antropologia do imaginário procurando analisar os símbolos e traços míticos presentes no texto, assim como uma análise hermenêutica apontando a relação da teologia da autora com a escola alegórica de interpretação bíblica de Orígenes. Como resultados iniciais, apontamos para a constituição da imagem da mulher demoníaca geralmente associada a conhecimentos misteriosos sobre o divino e certo erotismo.

Palavras-chave: Imaginário medieval, Erotismo, Demoníaco.

O IMAGINÁRIO NO CONTO DA IGREJA DO DIABO E SUA INTERTEXTUALIDADE

Geovanna Mota de Souza Santo
E-mail: geovannamotasouza@hotmail.com

Hannara Fenise de Oliveira Santos
E-mail: hanna.fenise@hotmail.com

Rebeca Santos Gomes
E-mail: rebecasantosgomes@gmail.com
Graduandas em Letras Vernáculas/UEFS

Gemicrê do Nascimento Silva/UEFS
Professor Me. Departamento de Letras e Artes/UEFS
E-mail: gemicre@hotmail.com

Por meios dos nossos imaginários, nos contos, apresentam uma finalidade específica que é mostrar às vezes as 'contradições' humanas e suas fraquezas. As religiões também se apropriam desse artifício para mostrar um caminho, o qual seus fiéis devem aparentemente obedecer. Porém como seres em evolução e, às vezes contraditórios, os seres humanos, por ocasião também são incapazes de viver extremos. O conto de Machado de Assis possui quatro capítulos, uma narrativa densa aparentemente de fácil interpretação. É importante ressaltar que trata de uma ficção constituída por outro menor. O toque genial é a sua imaginária intertextualidade e a partir dela, podemos perceber o valor da paródia e da sátira, constituindo assim um pilar para obra machadiana. Nessa literatura muitas simbologias de uma forma geral, mas, certamente é recurso que parece recorrentemente, assim como o humor trágico e amargo dado o pessimismo com que o autor enxerga a alma humana.

Palavras-chave: Conto, Igreja, Deus e Diabo.

**O IMAGINÁRIO DO EXÍLIO: REPRESENTAÇÃO DO SUJEITO DIASPÓRICO EM
*HOW THE GARCIA GIRLS LOST THEIR ACCENTS*¹, DE JULIA ALVAREZ**

Odara Perazzo Rodrigues
Mestre em Estudos Literários – UEFS

Publicado em 1991, o romance *How the Garcia girls lost their accents*, de autoria da escritora hispano-americana Julia Alvarez, conta a história de quatro irmãs que, ainda na infância, migram da República Dominicana para os Estados Unidos e das consequências deste movimento na construção e na identificação identitária desses indivíduos. A partir dos conceitos de identidade expostos por Stuart Hall em *A identidade cultural na pós-modernidade* (2014) e em *Da diáspora: identidades e mediações culturais* (2009), e de Zygmunt Bauman em *Identidade* (2005), analisamos as personagens construídas por Alvarez nesta narrativa, buscando identificar traços do não-pertencimento e da busca por identidade causado no processo de exílio e imigração. A metodologia utilizada para a execução deste trabalho é a bibliográfica e, partindo de um vasto referencial teórico sobre identidade, diáspora e fragmentação de sujeitos, podemos concluir que as personagens aqui analisadas, que se encontram em um entre-lugar entre o imaginário do exílio e o da terra natal, estão expostas ao processo de reconstrução identitária referente ao sujeito pós-moderno, onde esta se constrói nas relações estabelecidas no cotidiano e no ambiente ao qual estamos inseridos.

Palavras-chave: Literatura hispano-americana, Julia Alvarez, Identidade.

¹ Tradução livre: Como as garotas da família Garcia perderam os seus sotaques.

AS REPRESENTAÇÕES DO INDIVIDUAL E DO COLETIVO NA OBRA **ENSAIO
SOBRE A CEGUEIRA** (1995) DE JOSÉ SARAMAGO

Mônica da Costa Cintra
UNIVAF/ UEFS. E-mail: monygzg@hotmail.com

Este trabalho tem como base a obra **Ensaio sobre a cegueira** de José Saramago, publicada em 1995, e procura mostrar como o individualismo e coletivismos são representados na obra em questão. Em **Ensaio sobre a cegueira**, personagens são acometidas por uma cegueira, cuja característica destoa de uma cegueira comum, uma vez que se trata de uma "cegueira branca". Esta cegueira representa uma metáfora criada pelo autor, que exhibe como as pessoas estão se tornando cegas na sociedade contemporânea. Saramago nos apresenta no início da obra, quando o primeiro cego chega ao consultório, que a cegueira pode ser provocada pelo distanciamento existente entre os indivíduos nas sociedades modernas e como o individualismo tem se tornado uma filosofia de vida. A pressa e a falta de sensibilidade dos pacientes que estavam no consultório, bem como o comportamento dos mesmos diante de um indivíduo com um problema considerado mais urgente pelo médico, demonstram um comportamento egoísta cada vez mais comum aos indivíduos, como pode ser visto na atitude do rapaz que ao levar o "primeiro cego" para casa, aproveita-se da situação pra roubá-lo. Ao longo da obra, José Saramago mostra que mesmo em situações extremas como as que são vivenciadas pelos cegos, reclusos no manicômio, a crueldade, o egoísmo, a indiferença, o consumismo e a competição imperam, fazendo com que os cegos estejam sempre em guerra. José Saramago tece um discurso que nos mostra um caminhar "às cegas" que leva ora ao individualismo, ora ao coletivismo, e sua falta de respeito às particularidades. A obra saramaguiana evidencia que para o pleno desenvolvimento do ser é preciso pensar e viver de modo a contribuir para o desenvolvimento social de todos. Assim, esse trabalho se destina a estudar a representação do individual e do coletivo na obra **Ensaio sobre a cegueira**, apoiando-se em teóricos como Arnaut, Bauman, Dumont, Hall entre outros.

Palavras-chave: Representação, Individual, Coletivo, Ensaio sobre a cegueira.

VEM PARA RUA QUE OS PEIXES SUMIRAM: O PAPEL DA IMAGEM NA DESCONSTRUÇÃO SIMBÓLICA DA VILA CORUMBÁ

Cleber Cézar da Silva
IF/GO/PPGL/UnB
E-mail: clebercezar@hotmail.com

Kênia Mara de Freitas Siqueira
UEG/PPGEL/GO
E-mail: keniamaraueg@gmail.com

O objetivo deste estudo é estabelecer algumas relações entre toponímia, ecossistema e imaginário para descrever como a imagem do peixe “piranha” impulsionou a vontade de mudar a hodonímia da então “Vila Corumbá”, acarretando para tanto, um amplo e irrestrito processo de mudança dos nomes das ruas do bairro em questão. Considerando que é mesmo impossível estudar o homem como um objeto, mas também é imprescindível representá-lo sob o ponto de vista da obtenção de um conhecimento tão complexo que somente o homem detém; os estudos que focalizam os atos de nomeação visam recuperar a intencionalidade do nomeador que, ao promover a mudança toponímica, atribui significado ao nome de lugar para além dos processos referenciais comuns e específicos dos signos toponímicos; assim, promovem a mudança toponímica do elemento do mundo natural, antes: peixes; agora, para os elementos do mundo cultural, em sua maioria antropotopônimos. Isto, provavelmente, simboliza o que Durand (1984) define como imperativos pulsionais do sujeito. Os pressupostos teóricos têm suas bases tanto nos estudos onomástico toponímicos como nas teorias linguísticas de linha ecossistêmica. A metodologia de pesquisa consiste na sistematização de leituras documentais, vincula-se também, à indução, segue os métodos etnolinguísticos, desenvolvendo um percurso onomasiológico para recolha e descrição dos dados concernentes à motivação que subjaz à troca dos nomes das ruas, principalmente, do nome: Rua das Piranhas.

Palavras-chave: Hodonímia, Ecossistema, Imaginário.

UM OLHAR ECOLINGUÍSTICO PARA O MUNDO VIRTUAL: COMUNHÃO E DESCOMUNHÃO NAS REDES SOCIAIS

Heloanny de Freitas Brandão

NELIM

E-mail: heloannybrandao.adv@gmail.com

Atualmente as redes sociais são um meio de comunicação eficaz e indispensável à sociedade, mas que ainda vem impactando-a, devido aos novos relacionamentos que emergem: relacionamentos virtuais, em que a presença física torna-se totalmente dispensável. Por isso é que se propõe uma pesquisa, que, por meio da análise multimetodológica de conversas de grupos de whatsapp, compreenda como surge e se desenvolve a comunicação nos meios virtuais, tendo como base fundamental o conceito de comunhão. O arcabouço teórico escolhido é a Ecolinguística, uma disciplina da Macroecologia, que possui uma visão holística dos fenômenos, defendendo a adaptação dos seres como forma de manter o equilíbrio homeostático. É uma disciplina que trata, de forma peculiar, do conceito de “comunhão”, que é fundamental neste trabalho. Pela pesquisa, conclui-se que há uma diminuição do contato físico e uma superficialidade nos relacionamentos no mundo virtual, mas os benefícios do seu uso superam os malefícios, uma vez que ele consegue aproximar pessoas de diferentes lugares do mundo, fazendo-as compartilhar dos mesmos sentimentos e ideais. A distância não se apresenta mais como um impecilho à comunicação. No mundo virtual a comunhão e comunicação acontecem com maior frequência.

Palavras-chave: Comunhão, Ecolinguística, Redes Sociais.

**TERRAS DO SEM FIM, DE JORGE AMADO: O SONHO DA TERRA PROMETIDA
NA REGIÃO SUL BAIANA**

Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz
Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS.
Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos- PPGEL
Mestrado em Estudos Linguísticos – MEL
E-mail: rcrqueiroz@uol.com.br

O romance *Terras do sem fim*, escrito por Jorge Amado, teve sua primeira edição publicada em 1943. Neste romance, o autor retrata a história da luta de homens pela fixação e expansão das terras com qualidade para o plantio do cacau localizadas no sul do estado da Bahia. A trama se passa no início do século XX. Esses homens, ávidos pelo enriquecimento rápido, vinham de várias partes do país, pois o cacau era considerado mais valioso que ouro, havendo com isso o desenvolvimento da região. Pairava no imaginário desses homens, as histórias de terras férteis e dinheiro em abundância; os relacionamentos com “mulheres fáceis”; a construção de uma vida em melhores condições, bem diferentes das que tinham em seus lugares de origem. Todavia, ao se estabelecerem na região sul baiana, encontravam toda sorte de infortúnios, constando dentre estes as dívidas contraídas com os coronéis do cacau. Deste modo, objetiva-se, com este trabalho, apresentar uma análise sobre a exploração da terra, elemento físico; e de seus habitantes, elemento humano; para a construção do sonho da terra prometida aos menos favorecidos, o qual habita o imaginário dos personagens em toda a extensão da obra. Metodologicamente, a análise se pauta na interação entre os elementos físicos e humanos a partir de um construto da linguagem: o léxico; tendo como aporte teórico a Lexicologia e a Ecolinguística, através dos trabalhos de Coseriu (1979); Couto (2007) e Isquierdo (2003).

Palavras-chave: Literatura, Imaginário, Região sul baiana.

BALZAC E A QUESTÃO DA IDENTIDADE EM UM TEMPO EM QUE “L’HOMME ARMÉ DE LA PENSÉE A REMPLACÉ LE BANNERET BARDÉ DE FER”

Humberto Luiz Lima de Oliveira

CELCFAAM- Universidade Estadual de Feira de Santana

Este trabalho intenta mostrar como, de modo inaugural, o escritor francês Honoré de Balzac, em pleno século XIX, traz à cena narrativa a questão da identidade como um construto sociocultural. De fato, nos novos tempos que se instauram com a chamada Restauração, logo após o desmoronamento do império napoleônico, logo quando « *l’homme armé de la pensée a remplacé le banneret bardé de fer* » (ALAIN: 1995), Balzac parece levar o leitor a indagar qual mesmo poderia ser o papel reservado ao antigo soldado, a este ser que "parece uma criança" (BALZAC:1834-1842), se ele está aprisionado nas armadilhas da identidade, se ele não (re)negocia seu papel no seio de uma sociedade fundada sobre o império do dinheiro? De fato, quando as identidades pareciam se redefinir nesse novo tempo onde “tudo que é sólido se desmancha(va) no ar” (BERMAN: 1998), Balzac nos lembra que a movência identitária não poderia ser vivida da mesma maneira por todos os seres humanos, posto que não dependendo apenas da motivação interior de cada um. Desta forma, o “historiador dos costumes” vai nos mostrar personagens que, de diferentes modos, vão se confrontar à nova sociedade pós-revolucionária da Restauração onde o *ethos* está sendo redefinido para permitir aos indivíduos, nesta sociedade que se parece à selva, de tornar-se o que a nova ética do capitalismo selvagem espera de cada um deles e, desta forma, possa estabelecer o preço a pagar seja pela recusa, seja pelo sucesso. Para ilustrar, tomando o romance *Le Colonel Chabert*, que integra *Cenas da vida parisiense*, procuraremos seguir os trajetos sociais de dois personagens: o antigo herói militar personagem homônima de *O Coronel Chabert*, e a condessa Ferraud, sua ex-mulher, née Chapotel, sem esquecer a personagem emblemática de Eugène de Rastignac, de *O Pai Goriot*, como figura que inauguraria os novos tempos tendo o cinismo como filosofia de vida.

Palavras-chave: Identidade cultural, Neoliberalismo, Desenraizamento, Literatura, Balzac.

**SEM FÉ, NEM LEI, NEM REI: *UBIRAJARA* E
A METAFICÇÃO HISTORIOGRÁFICA**

Fernanda de Oliveira Conceição
Graduanda em Letras com Inglês pela Universidade Estadual de Feira de Santana
E-mail: nanda.letrasuefs@gmail.com

Andréa Silva Santos
Profa. Ms. do Departamento de Letras e Artes da UEFS
E-mail: deaanita@hotmail.com

Tendo como fonte o *Tratado Descritivo do Brasil em 1587* (1879) de Gabriel Soares de Sousa, este artigo apresenta o resultado de um estudo sobre o modo como José de Alencar elaborou, em sua obra literária *Ubirajara* (2005), a reflexão acerca da existência de estruturas simbólicas complexas na tessitura dos costumes indígenas, distorcidas na literatura quinhentista pelas visões pré-concebidas, as quais a História como ciência positiva encerrou como verídicas. José de Alencar, um dos principais autores do Romantismo brasileiro, perscrutou os relatos e tratados sem se deixar conduzir pela necessidade dos seus autores em marcar a diferença entre civilização e barbárie, o que o levou, ao invés disso, a criar uma obra capaz de permitir aos leitores, através da ficção, ponderar o quanto a Literatura possui de “realidade” histórica e vice-versa, problematizando o processo de elaboração da história única, suas consequências e “perigos”. Como resultado, concluiu-se que o romance escolhido traça um diálogo com alguns pressupostos da Metaficção Historiográfica, conceito elaborado por Linda Hutcheon (1991). A metodologia empregada na pesquisa envolve a leitura e análise qualitativa do corpus literário e do material bibliográfico, fazendo cotejo com autores que dialogam com o tema e abordando fontes. Utilizou-se como embasamento teórico a compreensão de História por Marc Bloch (2001) e Jacques Le Goff (1990).

Palavras-chave: Quinhentismo, Metaficção historiográfica, *Ubirajara*.

O IMAGINÁRIO DA VIOLÊNCIA EM CONCEIÇÃO EVARISTO: UMA ESCREVIVÊNCIA PARA ALÉM DA FICÇÃO

Aline Santos Silva
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano
Campus Senhor do Bonfim
E-mail: alineufrb@bol.com.br

Este estudo apresenta uma leitura do conto *Zaita esqueceu de guardar os brinquedos*, da autora Conceição Evaristo, publicado no livro *Olhos D'água*, propondo uma reflexão sobre o imaginário de violência presente na narrativa, e que se consubstancia no tratamento materno e no evento da bala perdida que vitima a personagem central. A obra de Conceição Evaristo é retrato e porta-voz das vivências dos afrodescendentes brasileiros, e traz à tona as mazelas da periferia, lugar onde negros/as sofrem com a histórica exclusão social, pobreza e violência urbana. O objetivo deste trabalho é através da análise do conto abordar a representação da violência no contexto da literatura afro-brasileira de Evaristo, como parte de uma construção literária firmada na realidade social que a autora faz questão de inserir naquilo que ela define como *escrevivência*. Tomando como referência a oposição entre ficção e realidade, o artigo pretende refletir através de Wolfgang Iser, como o imaginário da violência presente no cotidiano periférico dos centros urbanos, permite que o fictício retire elementos da realidade, e com isso realize duas formas de transgressão de limites, seja significando a realidade da vida ou transformando o imaginário em efeito da realidade. O artigo ainda relaciona a estória de *Zaita* com a morte da menina Maria Eduarda de 13 anos atingida por uma bala perdida no pátio da escola em março de 2017, no Rio de Janeiro, corroborando o elo ente ficção, imaginário e realidade.

A DANÇA DA CURRALEIRA COMO MANIFESTAÇÃO LINGUÍSTICO-CULTURAL REGIONAL: UMA VISÃO ECOSISTÊMICA

João Nunes Avelar Filho
Universidade Estadual de Goiás
E-mail: javelar3@hotmail.com

A Ecolinguística, dentre todas as ciências ecológicas, talvez seja a que mais demande uma especialidade linguístico-cultural regional, devido ao atual estágio centralizador, que ainda insiste em agrupar o conhecimento de maneira uniformizada. A necessidade de uma abordagem regionalizada das diversidades linguístico-culturais pode ser fundamentada em uma série de casos. É possível estudar tanto saberes e expressões artísticas de algumas comunidades específicas quanto as diferenças entre as mesmas. Existem alguns trabalhos científicos indicando que há a necessidade de compreender esses fenômenos e os seus padrões de preservação e revitalização. Em relação às comunidades regionais, por exemplo, muito pouco é falado sobre saberes e expressões artísticas. Em geral, pode-se dizer que a maioria dos estudos não faz qualquer distinção entre os diversos ecossistemas sub-regionais dentro de um mesmo território. A presente abordagem pretende suprir, ainda que timidamente, essa lacuna apontando um caso que elucidar um fenômeno local e o distingue de outros mais amplamente difundidos. O objetivo é apresentar uma aproximação da dança da curraleira, mais analiticamente circunscrita a uma sub-região goiana de Formosa, em relação ao imenso território do qual faz parte, tendo como base teórica a linguística ecossistêmica de Couto (2012).

Palavras-chave: Especialidade Linguístico-cultural, Nordeste goiano, Linguística Ecossistêmica.

A HUMANIZAÇÃO COMO PROCESSO DE EDUCAÇÃO

Paulo Ferreira da Silva
UNIFUTURO
E-mail: paulloferreira@hotmail.com

Ninguém está livre do simples conceito de educar. Esta é uma tarefa para todos. Já humanizar é acolher a necessidade de resgatar e articular os aspectos indissociáveis: o sentimento e o acolhimento, mais do que isso, humanizar é adotar uma prática na qual o professor que ensina encontre a possibilidade de assumir uma posição ética de respeito ao outro, de acolhimento ao educando, do imprevisível, do diferente do singular, reconhecendo os seus limites. Envolvendo esse contexto elaborou-se este estudo com objetivo analisar a educação como um processo de humanização do sujeito que ultrapassa os limites de uma visão meramente acadêmica e de repasse de conteúdos. Dessa forma, consideramos oportuno aprofundar o debate sobre práticas pedagógicas abordando os processos educativos e as práticas pedagógicas efetivadas na referida escola, numa perspectiva de inovação e humanização, como uma maneira de compreender o que está acontecendo com referência aos limites e possibilidades da educação. Encontra-se dividido em três capítulos. No primeiro será abordado o Estudo do vínculo afetivo entre ensinante- aprendiz. No segundo relata-se a abordagem da afetividade na visão de alguns autores. No terceiro discute o Enfoque da mediação da Psicopedagogia, no processo educativo e humanizador. A metodologia utilizada caracteriza-se como uma pesquisa exploratória e bibliográfica e de cunho qualitativo embasados nos autores: **FERNÁNDEZ (1990). GARDNER, (1995). LINDGREIN, (1997). PAÍN (1986). PIAGET (1995). VYGOTSKY, (1991).** Ações da humanização envolvem um vínculo subjetivo, entre quem ensina e quem aprende. Implica em um método diferenciado para uma educação prazerosa e qualificada com olhar voltado para a humanização que se faz necessária na sala de aula e no dia a dia do relacionamento aluno-profissional.

Palavras chave. Humanização, Educação, Responsabilidade.

O GÊNERO DISCURSIVO ARTIGO DE OPINIÃO EM DIÁLOGO COM O MEIO AMBIENTE: UMA PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Consuelo Penelu Bitencourt

Aluna do Mestrado Profissional em Letras na UEFS; Graduada em Letras pela UEFS; Especialista em Educação Ambiental com ênfase em Espaços Educadores Sustentáveis pela UFBA; Especialista em Estudos Literários pela UEFS; Professora de Língua Portuguesa na Educação Básica;
E-mail: cpenelu@gmail.com

O ensino da língua portuguesa através dos gêneros do discurso colabora para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita e pode ampliar os debates acerca de problemas socioambientais. Este trabalho apresenta uma experiência de sequência didática, numa turma de 2º ano do ensino médio, com o artigo de opinião e o eixo temático meio ambiente. A reflexão sobre a linguagem provoca o reconhecimento de si e a possibilidade de interagir com outros (BRASIL, 1998). Couto (2015) denomina de interação comunicativa o processo que ocorre nos atos de comunicação. Tais atos manifestam-se no meio ambiente, entendido como o lugar onde as interações entre os elementos naturais e sociais ocorrem (REIGOTA, 2007). Os gêneros do discurso são formas-padrão de relativa estabilidade (BAKHTIN, 2003) constituídas nas interações sociais. No apelo atual para uma educação sustentável (ONU, 2015), os atos de comunicação têm lugar determinante. Aplicamos a sequência didática (DOLZ, NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004), e como corpus, selecionamos artigos de opinião com temas socioambientais. O suporte das produções foi um jornal da turma. O trabalho oportunizou o conhecimento do gênero artigo de opinião e a interação comunicativa, bem como possibilitou intervenções sobre questões socioambientais.

Palavras-chave: Artigo de opinião, Meio ambiente, Sequência didática.